

MAIÊUTICA
MAIÊUTICA ARTE
E CULTURA



CENTRO UNIVERSITÁRIO LEONARDO DA VINCI
Rodovia BR 470, Km 71, nº 1.040, Bairro Benedito
89084-405 - INDAIAL/SC
www.uniasselvi.com.br

REVISTA MAIÊUTICA

Arte e Cultura

UNIASSELVI 2019

Presidente do Grupo UNIASSELVI
Prof. Pedro Jorge Guterres Quintans Graça

Reitor da UNIASSELVI
Prof. Hermínio Kloch

Pró-Reitora de Ensino de Graduação Presencial
Prof. Antônio Roberto Rodrigues Abatepaulo

Pró-Reitora de Ensino de Graduação a Distância
Prof.^a Francieli Stano Torres

Pró-Reitor Operacional de Graduação a Distância
Prof. Érico Coelho Ribeiro

Diretor de Educação Continuada
Prof. Carlos Fabiano Fistarol

Editor da Revista Maiêutica
Prof. Luis Augusto Ebert

Comissão Científica
Claudia Sueli Weiss
Estela Maris Bogo Lorenzi
Jackeline Maria Beber Possamai
Luana Ewald
Luciana Fiamoncini

Editoração e Diagramação
Calebe S. Prado

Capa
Cleo Schirmann

Revisão Final
Harry Wiese
Marcio Kisner

Publicação *On-line*

Propriedade do Centro Universitário Leonardo da Vinci

Apresentação

Apresentamos mais uma edição da Revista Maiêutica “Arte e Cultura” do Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI. O conteúdo é oriundo de trabalhos acadêmicos, pesquisas de iniciação científica, projetos de ensino, experiência de estágio ou de notório valor acadêmico, elaborados tanto de forma individual como em grupos de trabalho. Desta forma, a revista é um espaço privilegiado para publicação e tem como missão intensificar e divulgar a produção didático-científica de acadêmicos, tutores e professores do curso, que apresentam interesse em publicar artigos na área, cumprindo também o importante papel de tornar acessível à comunidade o que se produz de conhecimento em nosso Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI. Essa publicação evidencia a importância de pesquisar, analisar, refletir, aprofundar, socializar os resultados e trocar ideias e assim enriquecer o mundo acadêmico com saberes. Afinal, o nome Maiêutica relembra o conceito socrático de que é preciso trazer as ideias à luz, fazer nascer o conhecimento, confirmando a dialética necessária da construção da sabedoria humana. Assim, convidamos você a ler a Revista Maiêutica do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da UNIASSELVI, e desejamos que os artigos aqui disponibilizados possibilitem reflexões sobre temas relacionados diretamente à atuação profissional do professor de Artes Visuais, bem como contribuir com a sua caminhada acadêmica e profissional.

Boa leitura!
Vania Konell



SUMÁRIO

A ARTE RUPESTRE: o uso de materiais naturais e a percepção do negativo/positivo na composição artística

Rupest art: the use of natural materials and a perception of negative/positive in artistic composition

Juliane Scheuer Drzevieski Muzulão

Chaiane Partica

Rosicler Schulka Burigo 7

ARTE NO BRASIL COLONIAL: Barroco

Art in colonial Brazil: Baroque

Luiz Carlos Gessner

Aline Bürger..... 13

ARTE X ARTESANATO: olhares em perspectiva

Art x Craft: views at perspective

Camila Chollet

Ester Zingano 19

AS REPRESENTAÇÕES BIDIMENSIONAIS DO CORPO HUMANO NA SALA DE AULA

The bidimensional representations of the human body in the classroom

Ângelo Máximo

Antônio Roberva

Eliseu Santos

Viviane Braz..... 43

MODELAGEM: releitura e biografia de Anelise Bredow

Modeling: relief and biography of Anelise Bredow

Raquel Rosa da Silva 59

O DESENHO NA PRÉ-HISTÓRIA: uma necessidade de representar e comunicar

The drawing in the prehistory: a need to represent and communicate

Fabiano José Milan

Nilda Cuochinski

Suélen de Jesus 65

A ARTE RUPESTRE: o uso de materiais naturais e a percepção do negativo/positivo na composição artística

Rupest art: the use of natural materials and a perception of negative/positive in artistic composition

Juliane Scheuer Drzevieski Muzulão¹
Chaiane Partica¹
Rosicler Schulka Burigo¹

Resumo: Este trabalho de Seminário da Prática possui em seu conteúdo conhecimentos teóricos, bem como métodos de aplicação de atividades escolares que abordam o estudo da arte rupestre e o ensino da diferenciação entre negativo e positivo. Engloba também a história da Arte-Educação no país, de forma sucinta. Estabelece-se assim uma prática pedagógica interligada e que aproxima o aluno de temas necessários. Percebe-se a importância de trabalhar temas que muitas vezes são tidos, de forma conjunta, como desiguais, pois é a partir da mistura e miscigenação que o conhecimento atinge seu ápice.

Palavras-chave: História. Arte Rupestre. Composição.

Abstract: This seminar work of the practice has its content theoretical knowledge as well as methods of application of school activities in which the study of rock art is approached as well as teaching the differentiation between negative and positive. It also encompasses the history of Art-Education in the country, in a summarized and succinct way. This establishes an interconnected pedagogical practice that brings the student closer to the necessary subjects. It is perceived the importance in working on themes, often considered as unequal in a joint way, because it is from the mixture and miscegenation that knowledge reaches its apex.

Keywords: History. Rupest Art. Composition.

Introdução

A Arte-Educação nem sempre foi da maneira que a conhecemos atualmente, em que há valorização de seu poder transformador. Durante muitos anos, ela foi tida apenas como um passatempo, um objeto de desenvolvimento de habilidades manuais. Graças à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1988 é que a Arte passa a ser vista como uma matéria curricular obrigatória e importante para o desenvolvimento do aluno.

Dá-se aí a importância de ambientar o aluno aos períodos históricos artísticos e valorizar a interligação de conteúdos aparentemente distintos. A Arte é importante desde a Educação Infantil, pois fomenta no aluno a capacidade criativa.

A partir destes conceitos sobre educação, desenvolve-se estudo do uso de materiais naturais, desenvolvendo a percepção do educando sobre as possibilidades criativas que o meio ambiente nos fornece, através da observação de imagens e da prática artística. Assim cria-se situações para que esse conhecimento seja valorizado e absorvido usando imagens da História da Arte, com negativos de filmes fotográficos e ilustrações.

O ensino da arte no país

As Artes Visuais são importantíssimas para a educação, pois através da Arte o indivíduo consegue se expressar no mundo. No entanto, para ser considerada uma matéria do currículo escolar nacional, ela sofreu várias alterações no decorrer de décadas.

¹ Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSSELVI – Rodovia BR 470 – Km 71 – nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89080-057 – Indaial/SC. Fone: (47) 3281-9000 – FAX: (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br

Na educação tradicional, o ensino se baseava no domínio técnico e o professor era o retentor de todos os saberes, sendo ele o principal mediador do conteúdo a ser aprendido pelo aluno, não havendo assim um padrão a ser seguido.

Este padrão foi substituído pela tendência Escola Novista, em que o ensino de Arte volta-se para o desenvolvimento natural da criança, o aluno passa a poder se expressar de forma natural, vivendo em um mundo de descobertas e compreendendo o mundo pelos próprios olhos. Foi uma tendência que buscou a espontaneidade e, nas atividades, se vê um perfil de invenção, principalmente de autoexpressão. Quebraram-se as correntes da educação tradicional.

Com a Semana de Arte Moderna, que ocorreu em São Paulo, em fevereiro de 1922, muitos pensamentos foram surgindo. A concepção modernista foi um grande avanço na abertura de museus e escolas de Arte Moderna e Contemporânea em todo Brasil.

Até meados dos anos 1960, pouquíssimos cursos para formação de professores nesta área existiam, ou seja, qualquer um com vontade de ensinar e sem conhecimento poderia dar aulas sobre Arte.

Através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no ano de 1971, a arte foi incluída no currículo escolar, mas com o título de Educação Artística. Não era tratada como uma disciplina, e sim como uma atividade educativa, por isso há relatos de pessoas que aprenderam a fazer crochê, tricô e marcenaria, por exemplo, nessas aulas. Apenas a partir dos anos 1980 é que promoveu-se uma valorização da Arte-Educação.

Em 1988, com a promulgação da Constituição, iniciam-se as discussões sobre a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Houve manifestações e protestos de inúmeros educadores contrários a uma das versões da referida Lei, que retirava a obrigatoriedade da área.

No ano de 1988, as discussões sobre uma nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional se instaura, e uma das versões da Lei retira a obrigatoriedade da área de Arte do currículo escolar. Graças a Lei nº 9394/96 revogam-se as disposições anteriores e a Arte é considerada obrigatória na educação básica: “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (art. 26, § 2ª).

Com todos estes fatos e heranças culturais, as pessoas ainda veem na Arte-Educação apenas o fazer artístico. Nós, como futuros profissionais da área, devemos derrubar esse conceito, porque é uma matéria curricular organizada, com conteúdos e um profundo poder de transformação dos indivíduos que têm interesse por vivê-la.

A importância de trabalhar temas históricos

A partir do momento em que a Arte é vista como uma matéria importante do currículo escolar, sua estrutura passa a ser mais organizada, desenvolvendo uma obrigatoriedade e rotina de conteúdo a ser ministrado aos educandos.

Trabalhar temas históricos é fundamental para a percepção do poder mutatório que o mundo e as coisas possuem. Hoje, pintamos com tintas hiperpigmentadas e temos a arte digital, talvez tudo isto não seria possível se o homem pré-histórico não tivesse, em determinando momento de sua vida, criado um registro nas paredes das cavernas que habitava.

Este homem teria sido o primeiro artista do planeta, e pode ser utilizado como exemplo de criatividade até os anos atuais. Apesar de possuímos material e várias tecnologias, aproximar o aluno do tema a ser discutido é um dos fatores pelo qual o interesse e a importância se materializam.

Metodologia

Desenvolveu-se a aplicação de dois planos de aula na educação infantil, um com a temática “pigmentos naturais” e outro com “a relação negativo/positivo”. Ambos relacionados com a Arte Rupestre e com a vida contemporânea.

Os materiais utilizados foram: papel sulfite A4, papel vergê A4, tinta guache, caneta hidrográfica preta, ovos, terra, açafraão-da-terra, beterraba, café instantâneo e pincéis. Todo o processo possui fotos em anexo.

A arte rupestre

A arte rupestre é o nome dado a pinturas, esculturas, desenhos e inscrições realizadas pelo homem pré-histórico.

Em sua maioria, encontra-se em paredes rochosas de cavernas. Divide-se em dois grupos: pintura rupestre, em que se percebe as composições com o uso de diferentes pigmentos, e a gravura rupestre, que nada mais é que inscrições gravadas em relevo nas rochas. Neste trabalho, abordaremos apenas a pintura. Os pigmentos utilizados eram todos de origem natural, como pó de osso, pedras calcárias, carvão, argilas de variadas tonalidades e minerais triturados. A base para criação das tintas não tem determinação precisa, mas imagina-se que possam ter sido saliva, excrementos, sangue, resinas de plantas e ovos.

As representações mais significativas são: animais, plantas e pessoas, porém, há registros geométricos e sinais gráficos abstratos. Acredita-se que eram representações de caráter mágico, ilustrando cenas de caça e de rituais. Era uma forma de expressão, com conceitos, símbolos e valores.

Aplicação: de onde vem a tinta?

Plano de aula desenvolvido no CEI Fernando Pessoa – extensão Encruzilhada, Canoinhas/SC, no ano de 2017, para uma turma mista, pela acadêmica Juliane Scheuer Drzewieski Muzulão.

A metodologia utilizada foi a partir da apresentação da arte rupestre e do seu período histórico, iniciando com as indagações dos alunos sobre as tintas utilizadas na pintura das cavernas.

Desenvolveu-se as tintas para uso na pintura em sala, com clara de ovo como base e café, terra, açafraão-da-terra e beterraba como corante para as mesmas. Buscou-se também o lado sensível de toda a experimentação, cheiro, texturas e consistências viram objetos de debate.

Com o uso de pincel, colocamos a tinta em uso e seu poder de colorir se torna fato.

Aplicação: percepções negativo/positivo

Plano de aula desenvolvido no CEI Nossa Senhora Aparecida – Irineópolis/SC, no ano de 2017, para uma turma de pré-escolar, pela acadêmica Chaiane Partica.

A metodologia utilizada foi a explicação sobre o período pré-histórico da arte e a composição rupestre “Mãos em negativo”, encontrada na Cova das Mãos, na Patagônia – Argentina, em que o conceito de negativo e positivo está presente.

Os objetivos eram vincular a imagem com os dias atuais, usando como temáticas as mãos e suas representações famosas; apresentar aos alunos filmes fotográficos antigos para que notem a diferença entre negativo e positivo de maneira mais significativa.

Após a definição do tema, desenvolver desenho e pintura em negativo e positivo com tinta guache e caneta hidrográfica preta.

Resultados e discussão

DE ONDE VEM A TINTA?

Os alunos tornaram-se muito curiosos com o desenvolvimento das cores, perceberam que podemos utilizar materiais do nosso meio ambiente na composição artística e tiveram uma agregação de valor muito maior com o desenvolvimento de todas as tintas, do que apenas com a explanação sobre o que seriam os pigmentos naturais. Foi recompensador e muito satisfatório para todos os envolvidos.

PERCEPÇÕES NEGATIVO/POSITIVO

Inicialmente os alunos acharam o tema distante, mas após verem as mãos – que possuem o mesmo formato das atuais – sentiram uma ligação maior com o tema. Como falamos em representações da atualidade, muitos lembraram as luvas do Mickey e também os Emoticons do WhatsApp. Ao verem os filmes fotográficos, vários relataram já terem visto em casa ou na casa dos avós e que nem imaginavam que poderia se transformar em uma fotografia.

Pelo interesse observado, percebe-se que o conceito negativo/positivo foi entendido, além de trabalhar diferentes períodos da história e vinculá-los de maneira significativa.

Considerações finais

O trabalho apresentado teve como tema a importância da fundamentação histórica nos temas artísticos, pois criando esta ligação, o aprendizado fica muito mais objetivo, atraente e abrangente. Através da pesquisa, percebe-se que a Arte-Educação sofreu muitas mudanças no decorrer da história, e que sua estruturação como é hoje em dia, ainda é muito recente.

Percebe-se que através dos métodos aplicados em sala de aula, os alunos não tinham ideia da época em que as pinturas rupestres foram feitas, nem como os pigmentos e jogo de negativo/positivo era criado, tendo em vista que “fazer por fazer” não é competência do ensino de Arte no Brasil. Mostra-se, assim, a importância da estruturação histórica no preparo das aulas.

Temos em mente que a escola tem um papel transformador na vida do indivíduo e que seu principal objetivo é oferecer uma educação de qualidade, em que o educando sinta-se parte de uma sociedade e saiba que possui papel de agente transformador de sua realidade.

Referências

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 15 ago. 2019.

COLÉGIO MARUPIARA. **A importância do ensino das artes na escola**. 2015. Disponível em: <http://www.marupiara.com.br/a-importancia-do-ensino-das-artes-na-escola/>. Acesso em: 6 out. 2017.

KINDERSLEY, Dorling. **História Ilustrada da Arte**: principais movimentos e as obras mais importantes. São Paulo: Publifolha, 2016.

KINDERSLEY, Dorling. **Arte para crianças**: entre o incrível universo das mais belas pinturas e esculturas do mundo. São Paulo: Publifolha, 2016.

SANTOS, Joelma dos. **A importância das Artes Visuais na Educação Infantil**. 2011. Disponível em: <http://diversidadeeducacionalnaeradigital.blogspot.com.br/2011/08/importancia-das-artes-visuais-na.html/>. Acesso em: 8 out. 2017.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. **O que são e para que servem as diretrizes curriculares?**. 2012. Disponível em: <http://www.todospelaeducacao.org.br/reportagens-tpe/23209/o-que-sao-e-para-que-servem-as-diretrizes-curriculares/>. Acesso em: 8 out. 2017.

Artigo recebido em 23/05/19. Aceito em 23/08/19.

ARTE NO BRASIL COLONIAL: Barroco

Art in colonial Brazil: Baroque

Luiz Carlos Gessner¹

Aline Bürger¹

Resumo: O Barroco foi um movimento artístico que surgiu na Itália. Na sua existência retratou, em maior ênfase, a religiosidade das passagens bíblicas; o apelo dramático, seu exagero, destaque para a relação entre cores que representavam a luz e a sombra, foram suas características marcantes. Esse trabalho teve como objetivos pesquisar sobre o surgimento do Barroco, como elucidar suas características tanto nas manifestações artísticas da pintura e da escultura, também estabelecer a vinda da tendência para o Brasil, nele procurou-se abordar sobre o artista Aleijadinho. Para desenvolvimento e construção do trabalho foram usados autores como Garcez e Oliveira (2006), Janson (2001), Lemos (2008), entre outros, que por meio de uma pesquisa quantitativa, com utilização de uma tipologia documental, dá origem para o aprofundamento e explicação dos fatos em ordem cronológica. Levando-se em conta todos os aspectos observados, a análise e contextualização, o Barroco surgiu com uma proposta que a população pudesse relacionar as artes criadas com a Igreja Católica e, assim, segui-las. Ela se expandiu pelo continente europeu até chegar na América, em específico no Brasil. Em sua existência apresentou diversos aspectos nas criações artísticas tanto europeias como brasileiras, trazendo para parte da população sua aceitação plena, que para alguns se tornaria um estilo de vida.

Palavras-chave: Barroco. Movimento. Aleijadinho.

Abstract: The Baroque was an artistic movement that arose in Italy, and in its existence portrayed in greater emphasis the religiosity of the biblical passages, outstanding characteristics were the dramatic appeal, its exaggeration, highlight to the relation between colors that represented the light and the shadow, as well this work had as objectives to investigate about the emergence of the Baroque, how to elucidate its characteristics both in the artistic manifestations of painting and sculpture, also to establish the coming of the trend towards Brazil, in which it was tried to approach about the artist Aleijadinho. For the development and construction of the work, authors such as Garcez and Oliveira (2006), Janson (2001), Lemos (2008) and others were used, through a quantitative research using a documentary typology, from the origin to the deepening and explanation of the facts in chronological order. Taking into account all the aspects observed, the analysis and contextualization the Baroque came as a proposal for the population to relate the arts created with the Catholic Church and thus to follow it, it has expanded throughout the European continent until coming in America, specifically in Brazil. In its existence, it presented / displayed diverse aspects in the artistic creations as much European as Brazilian, bringing to part of the population its full acceptance, for some would become a way of life.

Keywords: Baroque. Movement. Aleijadinho.

Introdução

O Barroco foi um movimento artístico dedicado a reacender o catolicismo enfraquecido pela Reforma Luterana, iniciando-se em Roma, na Itália, e se expandindo pela Europa até chegar à América Latina. No Brasil, surgiu pelos padres jesuítas da Igreja Católica. O Barroco esteve presente entre o final do século XVI ao início do século XVIII, quando teve seu fim. A arte barroca tinha um impacto exagerado, era caracterizado por uma relação entre o bem e o mal, optando por uma relação entre as cores claras e escuras, ângulo diagonal nas pinturas, seus temas estavam relacionados à religiosidade - com maior ênfase -, aos nobres e aos povos de vida simples.

No decorrer de sua existência se tornou muito importante para o ser humano, já não era mais apenas um movimento artístico, mas um estilo de vida. O Barroco foi notório em várias áreas, como literatura, escultura, arquitetura, música e pintura.

¹ Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI. Rodovia BR 470 – Km 71 – nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC. Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br.

A realização deste artigo tem como finalidade a busca de conhecimento sobre arte barroca desde a Europa ao Brasil Colônia. Dessa maneira, essa pesquisa visa definir o que foi o Barroco, contextualizar a história do seu surgimento na Europa e no Brasil, as características que são apresentadas na pintura e na escultura, tendo enfoque ao principal expoente na escultura no Brasil, o artista Aleijadinho.

O interesse da pesquisa deve-se a compreender as características da arte barroca, o contexto histórico do seu surgimento, qual a sua representatividade naquele período, mensurar sua importância para população e analisar características da arte do artista Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho. Encontra-se no texto, dividido em quatro partes: a primeira parte, abordando o que foi o movimento artístico Barroco e seu surgimento na Europa; na segunda parte, apresentando suas características na pintura e na escultura; na terceira, sua chegada e desenvolvimento do Barroco no Brasil; e a quarta, abordando o artista mineiro, Aleijadinho.

Esta pesquisa está fundamentada em tipologia documental, pesquisa realizada em material bibliográfico apresentados em livros, artigos científicos e periódicos para seu embasamento; sintaxe para, de maneira explicativa e quantitativa, transparecer os fatos.

Surgimento do Barroco

Em um momento conturbado entre a Igreja Católica e os protestantes pela reforma, o catolicismo busca uma nova maneira de difundir a sua concepção perante a população, sendo esta a Contrarreforma, assim, ela busca a arte com este propósito, Dessa maneira, um novo estilo de arte surge, o Barroco, em meados do final do século XVI, em Roma. A arte barroca surge e se manifesta pelas pinturas, esculturas, entre outras formas.

“Por volta de 1600, Roma tornou-se a fonte principal do barroco, tal como fora o Renascimento Pleno um século antes, chamando a si artistas de outras regiões para realização de novas e ousadas tarefas” (JANSON, 2001, p. 716).

Originalmente, barroco quer dizer algo irregular, contorcido e grotesco, esses termos não fazem parte da essência da arte barroca encontrada em suas obras, utilizando características contrastantes e que causaria impacto à população que visse as obras, assim, as obras jamais passariam despercebidas.

Barroco tem sido o termo usado pelos historiadores da arte durante quase um século para designar o estilo dominante no período 1600-1750. O seu significado original - “irregular, contorcido, grotesco” - está largamente ultrapassado. Hoje é opinião geral que o novo estilo nasceu em Roma nos últimos anos do século XVI (JANSON, 2001, p. 715).

Esse estilo se desenvolveu nos países que tinham como maior concentração de população a religião Católica, influenciou pouco os países protestantes e aos poucos se manifestou por toda a Europa. Países como a Espanha e Portugal tiveram representatividade para a vinda do Barroco à América Latina em suas colônias.

A arte barroca, além do forte apelo da religiosidade, expandiu-se para mostrar o panorama da nobreza e da população de vida mais simples, em menor notoriedade.

Características do Barroco na pintura e escultura na Europa

O estilo da pintura barroca utilizou-se das curvas na composição, dobras nas vestimentas, uso do dourado, contraste da relação da luz e sombra, formas diagonais abordando características dramáticas e teatrais nas obras. Nas palavras de Silva (1993, p. 128):

A pintura recorreu a três componentes básicos: o claro-escuro, o sensualismo colorista e o dinamismo plástico, a que associou o dramatismo na composição (fluência curvilínea das formas, eixos oblíquos), na cor (tonalidades quentes, iluminação lateral) e no conteúdo (aparato teatral de expressões e de atitudes).

As pinturas se baseiam no puro realismo dos objetos de maneira que os objetos da pintura assemelham ao próprio observador estar diante deles. Os artistas abordavam temas religiosos, retratos, paisagens e naturezas mortas.

Além da pintura, a escultura também é marcante no período. A relação de luz e sombra também é encontrada na mesma forma que nas pinturas, além do aspecto de movimento dos corpos ao vento, utilizando dos detalhes do corpo anatómicos, expondo-se naturalmente. Plazaola (1996, p. 764) destaca que:

Nas esculturas, os corpos movem-se com a maior naturalidade e o seu equilíbrio é instável; as pregas das suas vestes agitam-se e enchem-se como movidos pelo vento, com independência da estrutura anatómica dos corpos; buscam-se contrastes pictóricos e modelam-se as superfícies de modo que se faça ver as claridades dos vestidos.

O aspecto, em suas faces, transmitia a expressividade dramática em seus rostos, dando o impacto visual ao seu observador, a arte da escultura se multiplica pela Europa e em outras partes do mundo, inclusive no Brasil, onde sua manifestação, a princípio, foi catequizadora, mas mostrou-se verossimilmente artística.

A vinda do Barroco no Brasil

A chegada do Barroco ao Brasil, em torno do século XVII (durou até o final do século XVIII), deve-se aos colonizadores, principalmente pelos padres jesuítas, missionários e religiosos que usavam como maneira de catequização através do estilo da arte transmitindo a religiosidade.

O Barroco na colônia era influenciado pelos europeus, mas tinha diferenças destoantes caracterizadas pela pobreza e escassez econômica comparada às obras luxuosas de ouro e ornamentos encontradas nas Igrejas da Europa. O desenvolvimento do Barroco na colônia veio a partir de:

Artistas e artesões formados em Portugal trouxeram referências e técnicas. Os religiosos difundiram o conhecimento dos livros sagrados. E, antes e depois do Aleijadinho, negros e mulatos carpinteiros, pintores, entalhadores, e escultores tiveram papel fundamental na constituição do Barroco mineiro, incorporando elementos de culturas africanas, embora só, recentemente, se tenha começado a falar da presença concreta de elementos da cultura africana na arte barroca brasileira (LEMOS, 2008, p. 41).

Tanta era a importância do Barroco que se tornou modelo de vida para artistas e grande parte da população, que observavam as obras repletas de detalhes e significações, dignas de apreciação, mas o reconhecimento aos artistas muitas vezes era inexistente.

Antônio Francisco Lisboa

O artista e escultor mineiro Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, é um dos maiores expoentes da arte brasileira no Período Colonial, desenvolveu esculturas de cunho religioso, sendo um dos maiores artistas do movimento Barroco.

Nasceu em 29 de agosto de 1730, em Vila Rica, atualmente Ouro Preto, estado de Minas Gerais, filho de arquiteto português e de uma escrava negra (LEMOS, 2008). Ele é desta-

que pelas esculturas religiosas que criou, considerado um dos maiores artistas brasileiros, foi pertencente do movimento artístico Barroco, fez inúmeras esculturas e também foi arquiteto, destaque para o Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, em Congonhas do Campo, Minas Gerais. Começou a ser realmente reconhecido por grande parte da população depois que herdou a oficina do seu pai.

Nas décadas de 1760 e 1770, Antônio Francisco é um homem de cerca de 30 anos com méritos reconhecidos, trabalho intenso e recursos suficientes para se manter. Procura desfrutar a vida e compenetrar-se em suas responsabilidades de artista. Com a morte do pai, em 1767, assume a oficina e os compromissos deste. Daí provavelmente o aumento na quantidade de obras que levaram seu nome a partir dessa época, quando realiza, entre outros trabalhos, o projeto da Igreja de São Francisco de Assis de ouro Preto, também chamada de 'A Igreja do Aleijadinho', considerada um dos pontos altos da estética barroca na cidade (LEMOS, 2008, p. 77).

Antônio Francisco ficou conhecido pelo apelido de Aleijadinho devido a uma doença que atrofiou os membros e o tornou aleijado, mas, apesar das dificuldades que teve na vida, criou belas obras que encantam até os dias de hoje.

As esculturas que criou tinham suas características marcantes, como a dramaticidade nas expressões e gestos, os olhos eram expressivos, seus narizes eram retos e alongados, os queixos eram pontiagudos, os pescoços eram alongados e, por fim, as vestes transmitiam movimento (GARCEZ; OLIVEIRA, 2006).

Em destaque, as esculturas mais conhecidas são: Cristo na Crucificação; Cristo Carregando à Cruz; Flagelação; e Nosso Senhor da Paciência (LEMOS, 2008). Uma de suas características era esculpir três anjos em suas esculturas de maneira complementar às outras esculturas.

No final de sua vida ficou pobre e cego. "Partindo em 18 de novembro de 1814, tendo de idade 84 anos, 2 meses e 21 dias" (LEMOS, 2008, p. 149). Ele deixou um legado considerável, que inspirou da ficção à lenda, assim, em pleno século XXI, é transmissor de matéria de pesquisa de diferentes áreas, como a Arte, a História, entre outras.

Metodologia

A pesquisa teve embasamento bibliográfico e de natureza básica, teve, como sua principal fonte de dados, os livros. Nesses livros foram encontrados autores como Garcez e Oliveira (2006), Janson (2001), Lemos (2008), Plazaola (1996) e Silva (1993), que constituíram os materiais de suporte e os alicerces para a construção do tema. A metodologia de pesquisa se forma a partir de leituras, assim, de maneira ampla, a busca de matéria para realização do trabalho, utilizando de uma pesquisa quantitativa para, de maneira documental, expor os acontecimentos contidos pela coleta de dados. Na coleta foram encontradas informações para responder aos objetivos iniciais deste artigo, primeiramente, abordando o movimento artístico pela sua origem, após, buscando informações sobre a sua expansão do movimento, em seguida, elucidando suas principais características na pintura e escultura, sua vinda ao Brasil e, ao final, expondo dados sobre um artista em específico. Vale ressaltar que os acervos de informações bibliográficas foram encontrados em bibliotecas.

Resultados e discussão

Tratando-se de um movimento artístico que nasceu com o propósito de encaminhar a população para a religião Católica, o Barroco tomou grandiosidade expandindo de Roma até grande parte da Europa, chegando no Brasil, onde a arte foi utilizada pelos padres jesuítas e

missionários, por meio da catequização. O Barroco tem uma enorme história de existência, nela poderíamos abordar uma gama de trilhas de informações, que podem gerar vários trabalhos futuros. Trata-se de um tema que apresenta muitos pontos, gerando questões relevantes de aprofundamento e discussão, buscando dar um panorama geral, mostrando partes do seu surgimento, caracterização e vinda ao Brasil, objetivando elucidar os principais pontos do movimento artístico levantados no princípio. Assim, os resultados expressos são de caráter explicativo, do período histórico e artístico do tema, pautando informações da trajetória existente do objeto.

Considerações finais

Ao analisar o movimento artístico abordado, levantou-se observações consideráveis sobre o decorrer da existência de um período em que as criações da arte esboçavam um propósito religioso, denota-se a representatividade da Igreja Católica no período, assim, o Barroco foi marcado por características verossímeis e distintas.

Os aspectos desse movimento nas criações artísticas foram um dos objetos observados da pesquisa, através de leituras para formar a base e construção do texto, outro ponto que vale ser ressaltado foi sua rica expansão pelo Ocidente.

A expansão barroca na Europa e sua jornada até desembocar no Brasil, com o propósito utilitário de catequisar o povo que o habitava, com o avançar das décadas, torna-se símbolo para a população, tornando-se um modelo de vida. A representatividade ao indivíduo, subjetivamente, e a abordagem do Barroco no dia a dia da população europeia e brasileira, estabelece um comparativo entre ambos de maneira aprofundada e dá margem a pesquisas posteriores.

Portanto, em virtude dos objetos contextualizados no artigo, o Barroco foi um movimento artístico com objetivos claros, riquíssimo em criações na pintura e na escultura, que durou por um longo período, avançou pelos continentes, assomar artistas que foram verdadeiros ícones na época.

Referências

GARCEZ, L.; OLIVEIRA, J. **Explicando a arte brasileira**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

JANSON, H. W. **História geral da arte: Renascimento e Barroco**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LEMOS, M. A. B. **Aleijadinho: homem barroco, artista brasileiro**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

PLAZAOLA, J. **Historia y sentido del Arte Cristiano**. Madrid: Biblioteca Autores Cristianos, 1996.

SILVA, J. H. P. da. **Páginas de História da arte: 1. artistas e monumentos**. Lisboa: Editorial Estampa, 1993.

Artigo recebido em 23/05/19. Aceito em 23/08/19.

ARTE X ARTESANATO: olhares em perspectiva

Art x Craft: views at perspective

Camila Chollet¹

Ester Zingano¹

Resumo: “Arte x Artesanato: olhares em perspectiva” é uma breve pesquisa bibliográfica, e de entrevistas, sobre as diferenças e semelhanças entre arte e artesanato. Os “olhares” se referem aos pontos de vista dos entrevistados e dos teóricos pesquisados. Uma pergunta simples, como: “Qual a diferença entre o que é arte e o que é artesanato?” pode gerar vários argumentos convergentes ou divergentes sobre os temas. O ensino de arte no Brasil vem sendo sucateado por diversos fatores, e o tema da diferença entre Arte e artesanato vem fazer com que profissionais da área se questionem se realmente estão trazendo para sala de aula discussões que valem a pena, ou se estão meramente reproduzindo técnicas que aprenderam, por sua vez, em suas próprias formações acadêmicas. Alguns teóricos da educação e do ensino de arte serviram de referencial para apontar possíveis formas de trabalho no ensino da Arte. Nesta perspectiva, foi possível observar que os limites destas áreas são tão tênues e dinâmicos que a tentativa de distinção levanta ainda mais questionamentos do que certezas, o que na educação serve como motivo de reflexão, mas não caberia ao educador enaltecer uma em detrimento da outra.

Palavras-chave: Arte. Artesanato. Educação.

Abstract: “Art x Crafts: views at perspective” is a brief bibliographical research, and interviews, about the differences and similarities between art and crafts. The “views” refer to the points of view of the interviewees and the theorists surveyed. A simple question as the difference between what is art and what is craft can generate several convergent or divergent arguments about the themes. The teaching of art in Brazil has been disregarded for several factors, and the theme of the difference between Art and crafts has made professionals in the area question whether they are really bringing to the classroom arguments that are worthwhile, or are merely reproducing techniques they have learned, in turn, in their own academic formations. Some education theorists and art education have served as a reference point for pointing out possible forms of work in the teaching of Art. In this perspective it was possible to observe that the limits of these areas are so tenuous and dynamic that the attempt of distinction raises even more questions than certainties, which in education serve as a reason for reflection, but it would not be for the educator’s responsibility to extol one at the expense of the other.

Keywords: Art. Crafts. Education.

Introdução

No meio acadêmico, muitos alunos de Ensino Fundamental e Médio, e até mesmo professores, de modo geral, têm dúvidas sobre as diferenças entre Arte e Artesanato. Mesmo calouros nos cursos de Arte chegam pensando que aprenderão várias técnicas de artesanato durante o curso. Essa dúvida é recorrente também no meio artesão, nos cursos de artesanato alunos chegam pensando que se tornarão artistas ou que suas obras serão obras de arte assim que concluídas com esmero. Não é raro encontrar pessoas comparando Arte e Artesanato e fazendo declarações do tipo, “esse” é melhor que “esse”. Será que existe maior valor em um do que em outro? Será que o artesanato pode estar presente na Arte? E será que o artesão pode ser um artista?

Através de entrevistas, com profissionais destas áreas que atuam diretamente no setor educacional, seja na escola regular ou nos cursos de artesanato, foram levantadas comparações entre os conceitos particulares que esses indivíduos têm sobre os temas arte x artesanato, e o que alguns teóricos apontam como esclarecimentos ou questionamentos.

¹ Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSSELVI – Rodovia BR 470 – Km 71 – nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br

Referencial Teórico

A área de concentração escolhida para esta pesquisa é: Ensino e aprendizagem em Artes Visuais. O tema de pesquisa do presente Projeto de Ensino é sobre as diferenças entre arte e artesanato e suas relações com o ensino da arte; apresentando o ponto de vista dos entrevistados e de alguns críticos de arte. O presente trabalho é uma breve introdução ao tema, já que cada tópico dessa pesquisa renderia muitos livros.

Objetivos

O objetivo geral é observar como os teóricos e os entrevistados da área enxergam a distinção entre o que é considerado Arte e Artesanato e o ensino destes temas. Pois, na sociedade encontramos diversas pessoas que se sentem confusas com essas definições, seja no meio acadêmico ou leigo. Os objetivos específicos estão listados a seguir:

- Observar a influência dos efeitos do próprio aprendizado em Educação Artística no ensino de Arte ou Artesanato.
- Comparar as opiniões de profissionais que atuam em educação nas áreas da Arte e do Artesanato sobre o tema.
- Perceber como esses profissionais lidam com as dúvidas e confusões que seus alunos, e/ou clientes, têm sobre a diferença das concepções de Arte e Artesanato.
- Analisar a valorização que esses profissionais atribuem para a Arte e para o Artesanato.
- Destacar o que teóricos apontam sobre as diferenças e semelhanças entre a Arte e o Artesanato.

Por um ensino de Arte de qualidade

A arte, enquanto manifestação e construção histórico-social, é patrimônio comum à humanidade, por isso, todos têm direito de se apropriar dos seus conhecimentos, habilidades e competências que a acompanham. A partir da educação básica, a arte, enquanto disciplina, é parte indispensável do currículo. O conhecimento sobre arte amplia a participação discente como cidadãos, permitindo que os alunos interajam com o meio cultural. Todavia, para isso, é necessário que a escola propicie a integração entre a experiência cotidiana e a arte, e permita que o educando faça indagações, sugestões, que critique o comodismo cotidiano. “Que possibilidade o nosso sistema educacional oferece ao adolescente de exercer uma consciência interrogante?” (BARBOSA, 2010, p. 29). O adolescente já possui, por natureza, questões existenciais para as quais tenta arranjar respostas, se na escola não houver lugar para isso, se na arte ele não puder expressar seus anseios, então já não verá mais pertinência em ambas.

É papel do professor ser um instigador do olhar, problematizar imagens do cotidiano e da arte. Como mencionado em *Arte e Didática*, o bom professor é um “estimulador de curiosidades, um inventor de problemas engraçados” (SELBACH, 2010, p. 28). O aluno precisa ser levado a sair da zona de conforto e pensar por ele mesmo, refletir sobre a realidade que o cerca, para poder ter algo a dizer, a questionar, a somar a sua comunidade. Nesse sentido:

é preciso aprofundar estudos e evoluir no saber estético e artístico. Os estudantes têm direito de contar com professores que estudem e saibam arte vinculada à vida pessoal, regional, nacional e internacional. Ao mesmo tempo, o professor de arte precisa saber o alcance de sua ação profissional, ou seja, saber que pode concorrer para que seus alunos também elaborem uma cultura estética e artística que expresse com clareza a sua vida na sociedade (FERRAZ; FUSARI, 2010, p. 51).

Educar o olhar é relacionar a experiência estética com o contexto pessoal, social e histórico. Criar uma memória visual facilita o diálogo entre realidade e criatividade. Os educandos são potenciais transformadores de mundo e “o professor de arte é um dos responsáveis pelo sucesso desse processo transformador, ao ajudar os alunos a melhorarem suas sensibilidades e saberes práticos e teóricos em arte” (FERRAZ; FUSARI, 2010, p. 51).

A produção cultural está relacionada ao reconhecimento dos “fatos” estéticos, seja do cotidiano ou da arte.

A possibilidade de reconhecer os “fatos” estéticos, em arte ou no cotidiano, e poder identificar neles estruturas constitutivas, elementos de sensibilidade que se complementem com informações e critérios de análise histórica e cultural, parece ser um modo de fazer cultura e produzir um *ethos* significativo em termos culturais (MEIRA, 2011, p. 108, grifo do original).

Segundo a abordagem triangular do ensino da arte, é necessário que professor e alunos realizem a “leitura da obra de arte, fazer artístico e contextualização” (BARBOSA, 2010, p. 35). “Fazer arte” não é suficiente para captar e processar as informações através da arte, é necessário também entender o contexto das obras e artistas e fazer exercícios de leitura de imagens artísticas e do cotidiano.

A leitura de imagens é também um desafio para o professor, principalmente porque é ele que deve estimular seus alunos para tal.

[...] é de fundamental importância investir na formação e na sensibilização do professor para a leitura da imagem a fim de que, de posse plena dessa competência, ele se torne capaz de trabalhar na contracorrente de qualquer olhar redutor, condicionado e esvaziado, imposto pelos ritmos do cotidiano, em meio à superabundância de imagens que se alternam diante do olhar. Para que esse olhar sensível seja cultivado e cumpra sua função de abrir as portas para uma abordagem mais significativa da leitura da obra de arte, o professor deve trabalhar-se e ser trabalhado, com a finalidade de perceber o objeto artístico também como sujeito de ações perante os olhos leitores e não apenas como objeto fixo, imóvel, receptáculo passivo de nossas impressões (BUORO, 2003, p. 43).

Professor e aluno devem se juntar no exercício de leitura das obras de arte, muitas vezes um mesmo quadro pode trazer novas ideias, novas impressões, basta lançar sobre ele novos olhares... “O caminho faz o caminhante. A verdadeira viagem do descobrimento não consiste em buscar novas paisagens, mas novos olhares” (PROUST *apud* BUORO, 2003, p. 19). Nem sempre esse caminho será rodeado de certezas, pelo contrário, quanto mais adentrar no terreno da Arte, mais dúvidas e questionamentos surgirão, assim como a beleza também.

Origem comum da arte e do artesanato

Arte e artesanato estão presentes no mundo desde que o ser humano passou a habitá-lo. Desde a pré-história vemos indícios artesanais e artísticos do homem. Para Raul Córdula, a arte e o artesanato compartilham da mesma origem. E a produção de um depende da produção do outro. Segundo ele, devemos ter o cuidado de não confundir os dois termos. Pois, ao seu olhar, arte e artesanato:

[...] não significam a mesma coisa. Sucede que, numa visão greco-clássica, arte e técnica vêm da mesma raiz linguística. A civilização cuidou de dividir este conceito pois as obras dos artistas da antiguidade clássica equilibravam-se em dois extremos: ou pendiam para o ideal da perfeição, desprovido de alma, ou para o êxtase estético, mas sem compromisso com a maneira de fazer. Aparecem aí dois sentidos opostos de realização: pela perfeição do trabalho: apolíneo (do deus Apolo, protetor do homem como ser físico), ou pela qualidade do sentimento: dionisiaco (do deus Dioniso, ou Baco, deus do vinho, mas também dos sentimentos e do êxtase). Esparta e Atenas traduzem bem essa divisão de territórios, uma realizada através do ideal físico do trabalho e outra através do ideal filosófico. O artesanato é nitidamente uma atividade apolínea, heroica, estética, quando assume o conceito do bem-acabado, do bem feito. A arte independe disto (CÓRDULA, 2013, p. 11).

Artesanato no conceito grego apresentado por ele estaria mais ligado ao bem-acabado esteticamente, enquanto a arte preocupa-se mais com o sentido ético. “Mesmo a estética clássica que norteou o Renascimento e suas consequências, não vigorou na modernidade e na contemporaneidade. A arte é vista hoje muito mais por seu conteúdo ético do que estético” (CÓRDULA, 2013, p. 11).

Conceitos e (in)definições

Definir o que é objeto de arte não é uma tarefa simples, muito menos precisa. Muitos tratados de estética já tentaram definir limites para a arte, e entre eles há muitas contradições. Se um observador se deparar com a *Mona Lisa*, de Leonardo da Vinci, certamente dirá que se trata de uma obra de arte, mas se folhear um livro de história da Arte e encontrar *A fonte*, de Marcel Duchamp, pode ser que suas concepções sobre o que é Arte fiquem abaladas.

Segundo a obra de Heinich (2001), a noção de arte na modernidade é baseada em três ideias fundamentais. Primeiro: a obra de Arte precisa ser original e em alguma medida única. Segundo: deve ser desinteressada, sem motivações utilitárias, religiosas ou econômicas embutidas. Terceiro: a assinatura do artista valida a autoria juntamente com o reconhecimento dos críticos, das instituições (próprias para esse fim) e dos seus pares.

Aqui encontramos alguns paradoxos. A arte com essas definições é uma invenção recente, do século XIX. Antes disso, a arte estava ligada sim à religião e à ciência. Um exemplo disso é a arte egípcia, mesopotâmica ou a arte sacra, com artefatos anônimos produzidos para fins políticos, militares, religiosos e utilitários, mas consagrados posteriormente por instituições renomadas como objetos de arte.

Os objetos antigos são separados das relações sociais para as quais foram produzidos; os critérios de autonomização das esculturas e quadros inaugurados pela estética moderna são impostos a culturas que integravam a arte e a religião, a política e a economia. Os objetos se convertem em obras e seu valor se reduz ao jogo formal que estabelecem graças à vizinhança com outros nesse espaço neutro, aparentemente fora da história, que é o museu [...]. Parece que as panelas nunca serviram para cozinhar, nem as máscaras para dança. Tudo está ali para ser olhado (CANCLINI, 2004, p. 174).

Deve-se levar em conta que algumas obras podem ser consideradas arte pela nossa cultura, mas não serem consideradas objetos artísticos pelas próprias culturas que as originaram. Por exemplo, algumas máscaras africanas ganharam, pela nossa cultura, status de arte e estão expostas em museus, mas para a tribo africana que as concebeu são objetos de culto e não de arte. Ou seja, a concepção de “Arte pela Arte” é uma concepção ocidental, e do nosso tempo, portanto relativa.

Para Jorge Coli, “o importante é termos em mente que o estatuto da arte não parte de uma definição abstrata, lógica ou teórica, do conceito, mas de atribuições feitas por instrumentos de nossa cultura, dignificando os objetos sobre os quais ela recai” (1995, p. 11). O status de obra de arte, então, seria uma atribuição que independe de lógica, sentimentalismo ou gosto pessoal.

O mictório que, pela sua função receptora de excremento, evoca o lado animal, orgânico e, portanto, menos “nobre” do homem, está nos antípodas da concepção de arte como instrumento de elevação do espírito: é antiarte por excelência. Convertido em peça de museu, assume o papel de objeto de contemplação, passa a provocar “sentimentos” no espectador. Aliás, esta função “artística” da antiarte não escapa ao pensamento de Duchamp - ele próprio diz: “são os ‘olhadores’ que fazem um quadro”. Qualquer objeto aceito como arte, torna-se artístico (COLI, 1995, p. 68).

Logo, se os olhadores fazem um quadro, quem são esses “olhadores”? Na sua obra, Duchamp estava justamente criticando e questionando o que era considerado Arte em seu tempo, e quem deveria julgar. Ele era parte do júri de críticos ao qual ele mesmo inscreveu o urinol sob o título *A Fonte*, assinada com pseudônimo R. Mutt. Obviamente, sua obra foi rejeitada pelos membros responsáveis pela exposição. Hoje, no entanto, essa antiarte por essência está sacralizada como arte, *ready-made*, e inspira muitos artistas contemporâneos.

Há um discurso institucional, que cria hierarquias de objetos artísticos, que podem ser considerados “superiores”, “medianos” ou “inferiores”. Essa classificação, hoje, não depende de critérios estritamente estéticos, mas parte de diretores de equipamentos culturais, de historiadores, de marchands de artistas reconhecidos, da imprensa especializada e pode passar por disputas de convenções elaboradas por instituições acadêmicas. Muitos interesses estão em jogo. Em *O mercado da Arte*, Raymonde Moulin desperta a atenção para os maiores órgãos validadores da arte:

Os museus de arte contemporânea são, pela aura do lugar e pela erudição do conservador, a instância maior de validação da arte. O papel contextual, ecológico e institucional do museu de arte contemporânea foi muitas vezes ressaltado. Numerosas criações, concebidas originalmente para contestar a arte, o mercado e o museu, exigem, para que sejam compreendidas na complexidade de sua intenção, e até mesmo para que sejam percebidas como arte, o acompanhamento do comentário crítico e o efeito separador do museu. Esse último traça a fronteira entre o que é arte e o que não é, ou ainda não é (MOULIN, 2007, p. 30).

O mercado da arte é carregado de interesses, não só filosófico-artísticos, mas econômicos também. Para que uma nova obra de arte seja inserida no mercado, possivelmente outras se desvalorizariam. Por exemplo, o caso documentado de Teri Horton (WHO THE #\$% IS JACKSON POLLOCK? de 2006): uma caminhoneira norte-americana, que, por acaso, comprou um quadro por cinco dólares em um brechó. Um conhecido a alertou de que seu quadro poderia ser uma obra de Jackson Pollock, de aproximadamente 50 milhões de dólares. Ela começa então uma disputa para provar que seu quadro realmente se tratava de um Pollock. Peritos forenses, restauradores, críticos e marchands se envolveram no caso. Quando parecia que estava comprovada a autoria, por métodos científicos (já que Pollock não assinava seus quadros), os detentores das outras obras de Pollock, curadores e críticos de Arte barraram o reconhecimento, por aparente divergência de interesses. Ganhar o status de Arte, não é tarefa fácil nem para os já renomados.

Sobre a relação entre arte e artesanato, o professor, e artista, Mario de Andrade, aponta que o artesanato faz parte da arte, e é a única parte que é possível de se ensinar.

O artesanato é uma parte da técnica da arte, a mais desprezada infelizmente, mas a técnica da arte não se resume no artesanato. O artesanato é a parte da técnica que se pode ensinar. Mas há uma parte da técnica de arte que é, por assim dizer, a objetivação, a concretização de uma verdade interior do artista. Esta parte da técnica obedece a segredos, caprichos e imperativos do ser subjetivo, em tudo o que ele é, como indivíduo e como ser social. Isto não se ensina, e reproduzir é imitação (ANDRADE, 1938, p. 13).

Para ele, existem três etapas de construção de uma obra de arte: a primeira seria o *artesanato*; a segunda a *virtuosidade*; e a terceira seria a *solução pessoal* do artista. As duas últimas seriam características exclusivas do artista, e não passíveis de ensino.

A pesquisadora Ilana Goldstein (2014), em seu artigo: *Arte, artesanato e arte popular: fronteiras movediças* sugere que devemos ser menos rigorosos na classificação de objetos de arte e artesanato.

[...] proponho considerar que diversos objetos e práticas artesanais ou não, podem ter dimensões estéticas que nos sensibilizam. Os sociólogos da arte sustentam que é o aval das instâncias de legitimação - críticos, museus, artistas etc. - o fator determinante na eventual transformação desses objetos e práticas em arte. Já os antropólogos da arte sugerem que devam ser chamados de artísticos aqueles trabalhos que, além da elaboração formal, tenham acoplada uma significação poética, ou seja, que provoquem uma comoção capaz de desvelar sentidos, de fazer eclodir novas realidades (GOLDSTEIN, 2014, p. 13).

Sob seu olhar, não há motivos para menosprezo do objeto artesanal, até porque ele pode vir a ser acompanhado de uma significação poética.

A obra *História da Arte*, que é uma introdução ao assunto, escrita originalmente em 1950, por Gombrich, começa desconstruindo o conceito de Arte com “A” maiúsculo. Fazendo seu leitor pensar sobre quão esnobe e fetichista a Arte pode se tornar.

Uma coisa que realmente não existe é aquilo a que se dá o nome de Arte. Existem somente artistas. Outrora, eram homens que apanhavam terra colorida e modelavam toscamente as formas de um bisão na parede de uma caverna; hoje, alguns compram suas tintas e desenham cartazes para os tapumes; eles faziam e fazem muitas outras coisas. Não prejudica ninguém chamar a todas essas atividades arte, desde que conservemos em mente que tal palavra pode significar coisas muito diferentes, em tempos e lugares diferentes, e que Arte com A maiúsculo não existe. Na verdade, Arte com A maiúsculo passou a ser algo de um bicho-papão e de um fetiche. Podemos esmagar um artista dizendo-lhe que o que ele acaba de fazer pode ser muito bom no seu gênero, só que não é “Arte”. E podemos desconcertar qualquer pessoa que esteja contemplando com prazer um quadro, declarando que aquilo de que ela gosta não é Arte, mas algo muito diferente (GOMBRICH, 1999, p. 15).

Não existe, para ele, uma forma certa ou errada de se apreciar ou gostar de arte. Ressalta, em sua obra, que não é o gosto pessoal que deve definir o que é ou não arte. E deixa claro que Arte só é Arte para nós, no nosso lugar e no nosso tempo, portanto, não existiria Arte com “A” maiúsculo.

O artista e o artesão

Escritores, pintores e escultores, até no final do século XVIII, eram chamados de artesãos. Só então a palavra Artista se popularizou para designar alguém com talento e originalidade.

de. Segundo a socióloga francesa, Heinich (2001), isso aconteceu no período do Romantismo, quando artistas foram compreendidos como aqueles que tinham uma vocação singular e não era fruto de uma mera aprendizagem ou de tradições coletivas. Essa forma de nomenclatura se consolidou após a Revolução Industrial. Desde então, o artista não tinha mais relação com a linha de produção, ele era o gênio independente, que produzia obras singulares, que se destacavam das mercadorias produzidas em série.

Segundo a visão do crítico de arte, Raul Córdula: hoje,

o artesão é aquele que sabe fazer, o artista aquele que cria, inventa, concebe. Um depende do outro no momento em que a criação necessita de realização física, a presença de uma obra de arte de pintura, por exemplo, somente é possível se o artista utilizar o artesanato da pintura para dar à luz seus sentimentos (CÓRDULA, 2013, p. 11).

O artesão tem a habilidade de fazer, o artista tem a inventividade. “Em todo artista que trabalha com as mãos existe um artesão” (CÓRDULA, 2013). Um exemplo disso são os “Mestres” Vitalino e Galdino que também são artistas por criarem suas próprias figuras, que, com o tempo, passaram a servir de protótipo para seus seguidores artesãos. No caso de Vitalino, um artesão artista:

[...] que desenhou (designou) uma verdadeira cena sociológica da vida do Agreste, desde o boi isolado, simbólico, quase rupestre, até o rebanho, a caça, a retirada da seca, as cenas de seca e de fartura, as cenas da vila do Alto do Moura, a vida comum, o dia a dia, as atividades domésticas, as profissões, os casos trágicos e humorísticos. Na verdade, todos os artesãos do Moura acrescentam eventualmente alguma cena a este painel social que Vitalino ajudou a criar (CÓRDULA, 2013, p. 11).

Com Galdino foi ao contrário, um artista ceramista que se utiliza das técnicas dos artesãos: “ele é um artista que trabalha com a cerâmica e que absorveu a maneira de trabalhar dos artesãos do Moura, utilizando o material, a forma de tratá-lo e queimá-lo para expressar seu universo fantástico de poeta e cantador além de escultor” (CÓRDULA, 2013, p. 11).

Há uma linha muito tênue entre o artista e o artesão. Até uma parte da história estavam entrelaçados em nomenclatura, depois foram discriminados. Não é de se admirar que hoje haja dúvidas e debates sobre o que separa um do outro. Para o professor de História da Arte, Mário de Andrade:

Artista que não seja ao mesmo tempo artesão, quero dizer, artista que não conheça perfeitamente os processos, as exigências, os segredos do material que vai mover, não é que não possa ser artista (psicologicamente pode), mas não pode fazer obras de arte dignas deste nome (ANDRADE, 1938, p. 12).

O Artesanato é uma atividade que exercita a repetição, promove a tranquilidade, a paciência, a harmonia e a paz. Um exemplo disso são os grupos de bordadeiras, rendeiras, tecelões e comunidades de ceramistas que se encontram espalhados pelo Brasil.

O artesanato tradicional popular é uma atividade pacífica, enquanto que a arte não necessita de ser. O artesanato é socializante, pois é possível, e desejável, que ele se organize em grupos, associações ou cooperativas, pois sua vida econômica depende, em parte, de sua capacidade de organização coletiva, da solidariedade, da boa divisão de trabalho e de lucro (CÓRDULA, 2013, p. 11).

O artesanato é um grande auxílio financeiro para muitas famílias brasileiras. Segundo Córdula, quando a pesca falha é o artesanato das esposas que coloca a comida na mesa da família.

A convivência do artesanato com a agricultura é perfeita, pode-se dizer que ele é, como a agricultura, uma atividade sazonal, pois existe nas entressafas, atende aos momentos de falta de colheita. Na pesca o artesanato da rede fornece ao pescador uma de suas principais ferramentas, a rede. Mas a mulher do pescador também faz a renda de praia (filé, labirinto, renda de bilro). Diz-se que “onde há rede há renda”, e quando a rede não traz o peixe, a renda põe o peixe na mesa (CÓRDULA, 2013, p. 11).

Metodologia

O presente projeto valeu-se de pesquisa de opinião com formato de entrevistas com alguns profissionais, além da breve pesquisa bibliografia apresentada anteriormente. Foram entrevistados cinco profissionais que atuam na área de ensino/aprendizagem de Arte ou de Artesanato. Cada entrevista contém oito questões, com o objetivo de obter informações e observar o ponto de vista de cada entrevistado. Foi realizada uma análise simples e comparativa dos dados obtidos através das entrevistas.

Foram entrevistados uma profissional da área da Pedagogia, duas licenciadas em Artes Visuais, uma estudante da graduação do curso Licenciatura em Artes Visuais e um licenciado em Educação Física. Todos atuam no ensino/aprendizagem de Arte ou Artesanato.

As oito questões das entrevistas foram elaboradas de acordo com o tema aqui apresentado. Essas questões foram enviadas via e-mail para cada profissional. Cada um deles apontou a sua perspectiva sobre o tema. As questões 1 e 2 visam observar os efeitos do aprendizado de Educação Artística dos próprios entrevistados. As questões 3, 4 e 5 têm o objetivo de comparar as opiniões de profissionais que atuam em educação nas áreas da Arte e do Artesanato sobre o tema. A questão 6 permite observar como esses profissionais lidam com as dúvidas e confusões que seus alunos, e/ou clientes, têm sobre a diferença das concepções de Arte e Artesanato. As questões 7 e 8 buscam analisar os conceitos de valor que esses profissionais atribuem para a Arte e para o Artesanato.

Para preservação das identidades, os nomes dos professores entrevistados foram substituídos pelas nomenclaturas: Professora A, Professora B, Professora C, Professora D, Professor E. Utilizaremos a palavra Professor e Professora com “P” maiúsculo quando se referirem aos entrevistados, e com “p” minúsculo quando se referir aos professores de forma genérica.

Dados dos profissionais entrevistados

QUADRO 1 – DADOS DOS PROFISSIONAIS ENTREVISTADOS

ENTREVISTADOS	FORMAÇÃO ACADÊMICA	CARGO ATUAL	LOCAL DE ATUAÇÃO	TEMPO DE ATUAÇÃO
Professora A	Pedagogia	Professora regente das series iniciais do E. F.	Colégio da rede privada	5 anos
Professora B	Licenciada em Artes Visuais	Professora de Artes Visuais. E. F. II e E. M.	Escola da rede pública	1 ano
Professora C	Graduanda: Licenciatura em Artes Visuais	Supervisora de artesanato.	Loja e escola de artesanato	14 anos

Professora D	Licenciada em Educação Artística - Habilitação em Música	Professora de Arte e canto coral. E. F. II e E. M.	Colégio da rede privada	12 anos
Professor E	Licenciado em Educação Física	Professor de Educação Física, Arte e Musicalização. E. F. I., E. F. II e E. M.	Colégio da rede privada	6 anos

FONTE: As autoras

Questões da entrevista

As perguntas a seguir estão contidas nas entrevistas realizadas com os profissionais descritos no quadro anterior:

- 1) Que tipo de trabalhos você fazia nas aulas de Arte quando era criança?
- 2) Que mensagem esses trabalhos escolares, realizados na disciplina de Arte, deixaram para você sobre o conceito de Arte?
- 3) Na sua visão, hoje, qual é a diferença entre o que é Artesanato e o que é Arte?
- 4) Como você define Artesanato?
- 5) Como você define Arte?
- 6) No seu trabalho atual, já percebeu alguma certa confusão de alunos ou clientes sobre as concepções de Arte e Artesanato? Como você lidou com isso?
- 7) Para você, qual a importância e valor da Arte?
- 8) Para você, qual a importância e valor do Artesanato?

Cronograma

QUADRO 2 – CRONOGRAMA DO PROJETO DE ENSINO

21/03	Entrega das perguntas e orientação do P.E.
18/04	Entrega da 1ª parte do P.E - introdução e fundamentação teórica.
18/04	Entrega das fichas de avaliação.
23/05	Entrega 1ª versão do P.E.
06/06	Socialização P.E.
13/06	Entrega final do P.E e socialização do P.E.
20/06	Socialização P.E.
27/06	Socialização P.E.

FONTE: As autoras

Resultados e discussões

Tanto a Arte como o Artesanato tiveram seu surgimento juntamente com a história humana. E, desde então, estão de certa forma entrelaçados. Objetos, utilitários, não utilitários, decorados, uso de técnicas, artistas e artesãos, para muitos são elementos e funções que se fundem e se confundem. Através de um questionário buscou-se investigar o que é Arte e o que é Artesanato para um grupo de cinco profissionais atuantes em uma ou nas duas áreas aqui propostas.

A escola e o ensino de arte

Através das questões: “1. Que tipo de trabalhos você fazia nas aulas de Arte quando era criança?” e “2. Que mensagem esses trabalhos escolares, realizados na disciplina de Arte, deixaram para você sobre o conceito de Arte?” Podemos observar como a Educação Artística Brasileira atuou na vida dos nossos entrevistados no quesito diferenciação dos conceitos de Arte e Artesanato.

Para a Professora A, existe a lembrança de trabalhos manuais: “Lembro-me dos trabalhos com jornal, mosaicos, pontilhismo”. Assim como para a Professora B, cujas atividades da disciplina de Arte se resumiam em “Folhas prontas com desenhos para pintar ou preencher com sementes, papéis, cascas de frutas ou árvores; cantigas de roda, teatrinhos de bonecos etc.”. Com a Professora D não foi diferente, lembra-se de: “desenhos, pinturas com tinta guache, artesanatos diversos, colagens e recortes”.

Para os Professores C e E, a Arte era apresentada de forma diferente: “Meus professores eram inspiradores e procuravam desenvolver a sensibilidade e criatividade, lembro-me de trabalhos com colagem, onde usávamos folhas e sementes. Algumas vezes saíamos da escola e fazíamos nossas tarefas nas sombras das árvores, desenhávamos a natureza que estávamos vendo e então ela (professora) associava essa tarefa a um período da história da arte. Fazíamos fantoche com papel machê, tínhamos aula de teatro onde criávamos as peças, cuidávamos do cenário, figurino e apresentávamos para a comunidade. Usávamos muitas revistas, fazíamos muitas atividades com reciclagem, tecidos, fitas, argila, tinta, entre outros. Sempre escutávamos música nas aulas, lembro-me de uma atividade em especial: certa vez ela nos deu um bombom, sentamos no chão e ela nos colocou uma venda nos olhos, tínhamos que comer o bombom bem devagar e depois dizer as sensações que sentimos, definir o gosto usando uma cor, e justificar, foi algo tão interessante que jamais esqueci, inclusive lembro-me do gosto que senti até hoje, e o bombom, na ocasião, era o ouro branco, que se tornou para mim o melhor, o mais saboroso” (Professora C). “Bom, eu me lembro mais das aulas que tive no ensino médio, que foi apenas no 1º ano, pois nos anos seguintes já não fazia parte do currículo. Recordo de ter estudado alguns movimentos artísticos, pintores e alguma coisa de música. Lembro de ter bastante desenho, máscaras com atadura gessada e pinturas” (Professor E).

É possível notar pela fala desses dois entrevistados que havia um maior preparo dos seus próprios professores de Arte e de suas escolas quanto ao ensino da disciplina de Arte. Enquanto nas três primeiras entrevistas descritas apenas trabalhos manuais e artesanatos eram propostos. Como foi afirmado por elas mesmas: “Arte se resumia em trabalhos manuais variados” (Professora A); “Não me lembro de ter estudado sobre conceitos de Arte” (Professora B). “Tínhamos a ideia de que a aula de arte era apenas fazer trabalhos manuais, desenhos, recortes e colagens” (Professora D). Aparentemente, não havia uma preocupação com o conteúdo de Arte previsto para as escolas em que elas tiveram oportunidade de estudar, muito menos com a linguagem artísticas que seus alunos poderiam explorar expressando suas singularidades, ao invés de apenas reproduzir técnicas. Já a experiência que os Professores C e E tiveram em sua formação escolar contribuiu para uma visão mais ampla e significativa da Arte: “A Arte para mim, desde criança, foi importante, os professores e a equipe diretiva da minha escola eram amantes das práticas artísticas, diria que a escola “respirava arte” e isso fez com que eu tivesse uma ótima base. O conceito de Arte e do quanto ela significava para nossa história era dito e repetido ano após ano, era comprovado através das mais variadas formas, sejam elas pela teoria ou pelas atividades. A mensagem que ficou foi de se ter liberdade de expressão, de poder expor as emoções, os estímulos, de criar e dar asas à imaginação, de respeitar o outro e compartilhar, de ser crítico e curioso, seja dentro ou fora da escola” (Professora C).

A forma como bons professores abordam didaticamente os conteúdos das Artes Visuais pode ir além dos conceitos e História da Arte, desenvolvendo a busca pelo pensamento crítico, estimulando a criatividade e a expressão. “Os trabalhos por mim realizados fizeram que eu entendesse toda a evolução que a arte passou em sua história, me auxiliando a pensar em maneiras diferentes de me expressar” (Professor E).

Despertar o desejo da criança é fundamental para que ela possa aprender com propriedade. Segundo o estudo psicanalítico de Almeida (2014), o desejo surge da falta. E a aprendizagem se dá ao buscar pelo objeto de desejo. Segundo Iavelberg (2003), não é possível desejar aprender Arte sob pressão, mas sim por despertar de interesse e curiosidade.

Organizar os conteúdos a serem estudados em forma de projetos ajuda os alunos “a extrair um sentido mais profundo e completo de eventos e fenômenos de seu próprio ambiente e de experiências que mereçam sua atenção” (KATZ, 1999, p. 38). O “tema gerador” (CORAZZA, 2003), assunto ao qual gira o projeto, permeia as aprendizagens mas não as limita, ao contrário, as expande em forma de associações, um assunto leva a outros, gerando o que Vigotsky (2007) chama de *zona de desenvolvimento proximal*, ou seja, aquilo que está mais próximo de se aprender com relação ao que já se sabe. Hernández (1998) e Junqueira Filho (2005) também endossam sobre a importância de se trabalhar através de projetos. Nesse sentido, projetos ajudam a despertar o desejo de aprender. Por isso, nas aulas de arte:

Não basta praticarmos apenas exercícios soltos de fazer desenhos, pinturas, gravuras, modelagens, histórias em quadrinhos, vídeo, músicas, teatro, dentre outros. Essas atividades, nas várias modalidades artísticas, devem vincular-se a um projeto pedagógico na área (FERRAZ; FUSARI, 2009, p. 32).

A experimentação e a ludicidade devem estar presentes na organização das dinâmicas de ensino/aprendizagem. Para Winnicott (1975), o brincar e o experimentar, a realidade à volta, estão desde a tenra infância relacionados ao ato de aprender. Ao apropriar-se (*assimilar*, para Piaget), pela experiência lúdica, do novo objeto de conhecimento, a criança chega ao ponto em que as ideias e informações fazem sentido, o que Piaget (1979) chama de *acomodação*. Assimila-se pelo contato com o mundo e com o outro, principalmente se a ludicidade estiver presente. A Acomodação do novo conhecimento é consequência de uma assimilação permeada pelo desejo. Já que, só se aprende, efetivamente, quando e o que se quer. É papel do professor tentar tornar o conteúdo de Artes Visuais objeto de desejo dos alunos.

É, por essa razão, que um professor de Arte deve buscar sempre ser um estimulador de curiosidades, um inventor de problemas engraçados, um profissional sempre capaz de ‘acender’ nos alunos a curiosidade, ferramenta essencial de seu interesse pela aula e por sua vontade de transformação (SELBACH, 2010, p. 28-29).

Apenas trazer trabalhinhos para colorir, recortar, montar, são formas desleixadas de ensino da Arte. Arte é muito mais que isso.

Arte ou artesanato

Com as questões “3. Na sua visão, hoje, qual é a diferença entre o que é artesanato e o que é arte para você?”, “4. Como você define artesanato?” e “5. Como você define Arte?”: foi possível observar como os entrevistados conceituam e diferenciam Arte e Artesanato.

Os professores entrevistados relataram quais as diferenças entre o que é considerado Artesanato e o que é considerado Arte: “A Arte expressa sentimentos, sensações, a essência da pessoa. Através de música, poema, desenhos, pinturas. Já o artesanato, é um trabalho mais

manual, que vai mostrar técnicas e habilidades que uma pessoa tem em fazer determinado peça. Possui fins lucrativos, um exemplo é o artesanato indígena, que é vendido para ajudar na sua subsistência. É para uso pessoal, mas também é para o comércio, então, essa é a diferença. Um vai expressar aquilo que a pessoa sente ou pensa, e o outro vai demonstrar habilidades, aquilo que ela consegue fazer, mais para fins de decoração e/ou para fins lucrativos” (Professora A).

Para a Professora A, a maior diferença entre Arte e Artesanato está no fato de o Artesanato ser voltado para decoração, trabalho manual, com fins de uso próprio ou comercial, já a Arte está ligada à expressão dos sentimentos, pensamentos que são a essência do Artista.

Para a Professora B: “Artesanato é todo produto manual que se produz para venda e geração de renda em feiras ou cooperativas, também para produção e venda familiar. A Arte em si não é produzida em quantidade, cada obra é única, manual e o objetivo é de passar uma mensagem ou visão do artista, as obras de arte são expostas em museus, galerias etc., de caráter elitista”.

Na visão dela, o Artesanato seria de caráter popular, feitos por pessoas ou famílias para ser vendido em feiras e cooperativas. Enquanto a Arte seria uma peça única, de caráter elitista, com o objetivo de passar uma mensagem. É exposta em museus e galerias.

Para a Professora C, a Arte também está ligada com a expressão. Possui técnica, mas esta pode ser velada ao observador. Concorda que são peças únicas e podem por isso ter um custo elevado no mercado da Arte. Já o Artesanato pode ter mais peças de cada tipo, busca agradar o cliente. As técnicas de artesanato podem ser aprendidas e repetidas por outros que busquem os meios para isso. “A Arte é um conceito de expressão, o artista coloca em sua obra sentimentos explícitos e de fácil reconhecimento, além de não seguir uma técnica específica, normalmente são técnicas misteriosas que nos deixam com sentimento de inquietação. São peças únicas, e de valor muito alto. O Artesanato está ligado ao utilitário, com intuito de vender várias peças iguais que agradem o cliente. Segue uma técnica que normalmente o artesão aprende em um curso de artesanato, internet ou até mesmo com amigos ou familiares. Apesar do artesão fazer uma peça com amor e carinho, dificilmente a peça vai transmitir esse sentimento, ela remete o capricho, mas não o amor” (Professora C).

Para a Professora D, Arte e Artesanato são práticas que se misturam quando se trata de educação escolar. Os próprios profissionais de um e de outro também buscam ferramentas nas duas fontes para elaborar os seus trabalhos. “Acho que na prática educacional os dois, às vezes, acabam se misturando, trabalhamos com arte e artesanato. No âmbito profissional também podem se misturar, o artista usa técnicas dos artesãos e todo artesão é de certa forma um artista”.

Para o Professor E, a maior diferença é que um é uma forma de expressão enquanto o outro não necessita ser. Ele diz: “Para mim a principal diferença está na expressão do artista, pois arte é algo construído através dos sentimentos do artista, já o artesanato não necessariamente.” (Professor E).

Todos concordam que Arte é uma forma de expressão individual do artista. E que o Artesanato está ligado a habilidades manuais.

Sobre as definições de artesanato é: “todo trabalho manual feito com variados materiais, e pode ou não ter alguma utilidade” para a Professora A. “Os artesanatos produzidos são chamados de cultura popular” segundo a Professora B. “O artesanato tem uma função específica, uma utilidade prática, normalmente é produzido em série, tem fins lucrativos” segundo a Professora D. E “Artesanato é uma forma de arte, mas que não necessariamente é a expressão do artista, pois é mais focado na técnica e na produção da peça” na opinião do Professor E. Para a Professora C: “É um trabalho feito com as mãos, ou seja, não é um produto industrializado, mas produzido várias peças iguais, muitas vezes. É visto e produzido como um utilitário. São objetos que pertencem à cultura popular. A preocupação de um artesão é com a matéria-prima,

a variedade e o que a técnica pede para utilizar na produção da peça, a combinação das cores e se a peça é realmente o que o ‘outro’ espera”.

Sobre as definições de Arte, as opiniões são de que: é “toda e qualquer forma de expressar sentimento, pensamento e ponto de vista” (Professora A). “Arte é uma forma de expressão artística” (Professor E). “A arte é a livre expressão do artista. É a expressão dos sentimentos e das emoções através da música, da dança, do teatro e das artes visuais” (Professora D). “A Arte, para mim, é todo sentimento que coloco em uma obra, é tudo que produz com intenção de chamar a atenção para algum assunto ou coisa. São os meus pensamentos registrados em um objeto, seja ele qual for, pintura, escultura, música, atuação.” (Professora B). “A Arte é a demonstração de sentimentos de um artista, é a forma que ele lê e interpreta a vida. A Arte é história, ela está presente em nossas vidas desde os primeiros indícios de desenvolvimento do homem. É por meio da Arte que podemos conhecer a cultura de um povo. É uma forma sensível de ver o mundo. Ela é a compreensão da história da humanidade. Não tem preocupação com combinações e estereótipos. É expressão, é liberdade!” (Professora C).

Podemos resumir, comparativamente, em uma tabela, os dados sugeridos através das respostas dos entrevistados, da seguinte forma:

QUADRO 3 – O QUE É ARTE E O QUE É ARTESANATO PARA OS ENTREVISTADOS

Arte	Artesanato
Livre expressão do artista: dos seus sentimentos, emoções, pensamentos, pontos de vista, a essência da pessoa. Lê e interpreta a vida de forma sensível.	Demonstra técnicas e habilidades.
Manifesta-se na escultura, música, atuação, poesia, desenhos, pinturas, dança, teatro, entre outros.	Está ligado a objetos materiais.
Cada obra é única.	Pode haver várias peças iguais.
Trabalho manual.	Trabalho manual.
São expostas em museus, galerias etc.	São vendidos em feiras ou cooperativas familiares. Ou são de uso pessoal.
Não tem fins lucrativos. Todavia, pode obter um valor muito alto quando consagrada.	Possui fins lucrativos.
Não segue uma técnica específica.	As técnicas podem ser aprendidas em curso de artesanato, internet, com amigos ou familiares.
Cultura de um povo, mas de carácter elitista.	Faz parte da cultura popular.
Não possui carácter utilitário e nem decorativo.	Carácter utilitário e/ou decorativo.
Não tem preocupação com combinações e estereótipos.	Se preocupa em agradar o cliente.
Os artistas podem vir a usar técnicas dos artesãos.	O artesão pode se tornar um artista. Ou usufruir de conhecimentos artísticos.
A Arte está presente na história desde o início da humanidade.	O artesanato está presente desde que existe cultura.

FONTE: As autoras

Os alunos e as concepções trazidas de casa (ou da escola)

Os profissionais entrevistados lidam com aluno em idade escolar ou com clientes que são alunos de artesanato. A questão “6. No seu trabalho atual, já percebeu alguma certa confusão de alunos ou clientes sobre as concepções de Arte e Artesanato? Como você lidou com isso?” permite observar como esses profissionais têm lidado com as dúvidas e/ou confusões dos seus alunos/clientes manifestam sobre Arte e Artesanato.

A Professora A é pedagoga e leciona para uma classe de alunos do 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola particular. É professora de currículo, e a disciplina de Arte está inclusa entre as matérias que leciona para esta turma. “Como são muito pequenos, meus alunos ainda não têm noções claras do que poderia ser Arte e Artesanato. Mas quando perguntei diretamente a um deles o que seria arte a resposta foi: Arte é pintura”.

Sobre esta entrevista, afirmou: “Ótima oportunidade de conversar sobre o assunto e incentivá-los a conhecer e a fazer arte”. Durante nossa primeira conversa, a respeito da entrevista, ela confessou que não havia parado para refletir sobre o tema antes desse questionário, e que já viu muita confusão sobre Artesanato e Arte no ensino de Arte em Escolas.

A segunda entrevistada, Professora B, que é Licenciada em Artes Visuais, professora de Artes Visuais, no Ensino Fundamental II e Ensino Médio, de uma escola pública, revela que também já percebeu o despreparo de professores e escola quanto a esse assunto. Todavia, para ela, não há motivos para que esses dois termos sejam separados ou discriminados no currículo: “Sim. Para a maioria dos professores não há diferença, nem conceito. Por exemplo, placas de EVA são consideradas arte, e se um professor de arte não trabalha com EVA, é considerado um mal professor. Eu procuro apresentar para meus alunos os dois universos, não gosto de dizer que artesanato não é arte, porque para mim, artesanato também é feito com sentimento, com amor e dedicação, e as vezes com muito mais pretensão de passar uma mensagem, então, faço questão de unir os dois termos como sendo arte, cada qual com suas peculiaridades” (Professora B).

A terceira entrevistada, Professora C, é graduanda no curso de Licenciatura em Artes Visuais. Atua como supervisora de artesanato em uma rede de lojas que possui “escola” com cursos de artesanato. Os seus clientes são alunos de artesanato. Segundo ela: “No meu trabalho essa confusão acontece a todo momento, as pessoas dificilmente sabem diferenciar Arte de Artesanato, para os clientes da loja ou os clientes em curso, todo artesão é um artista, eles associam tranquilamente uma tela assinada por um artista reconhecido a uma tela pintada por um artesão e ainda comparam, sendo que muitas vezes consideram a tela do artesão muito melhor, “mais bonita” como eles costumam dizer. Hoje, por ser uma estudante de Artes Visuais, acho estranho não ser claro a diferença entre eles, procuro explicar a diferença apesar da maioria das vezes não ser compreendida” (Professora C).

A população não acostumada com esse debate, por falta de interesse ou por não terem tido uma boa referência escolar, facilmente misturam os dois conceitos, os alternam para falar dos mesmos objetos ou profissionais com frequência.

A quarta entrevistada, Professora D, é licenciada em Educação Artística - Habilitação em Música. Professora de Arte e canto coral no Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Atua em escola da rede privada. Segundo as turmas que ela recebe do Ensino Fundamental I (séries iniciais): “sim, a maioria confunde, pois vem com uma ideia de que aula de arte é só fazer artesanato. Eles vêm com essa cultura das séries iniciais do Ensino Fundamental”. Muitas professoras trabalham “arte” na véspera de datas comemorativas para criar lembrancinhas com os alunos para pais, mães, avós, para decorar a sala ou trabalhos de outras matérias. Isso não é um problema, mas o ato em si ser considerado arte seria questionável.

O quinto entrevistado é Licenciado em Educação Física e leciona Educação Física, Arte e Musicalização para as turmas de Ensino Fundamental I, II e Ensino Médio, em uma escola privada. Segundo sua experiência: “sim, os alunos estão sempre se cobrando com relação as suas técnicas para produção de trabalhos, por isso tento instigá-los a conseguir expressar seus sentimentos dentro do conteúdo proposto”. Aparentemente, seus alunos chegam pensando que para ser arte tem que ser belo, e tecnicamente bem elaborado. Ele, por sua vez, os instiga a se preocuparem com a expressão dos seus sentimentos e não tanto com a técnica.

Valorização da arte e do artesanato

Já que são áreas de conhecimento diferentes, será que Arte é mais valiosa que Artesanato? As questões “7. Para você, qual a importância e valor da Arte?” e “8. Para você, qual a importância e valor do Artesanato?” obtiveram a opinião dos entrevistados a respeito desse tema.

Sobre a questão 7, a Professora A, respondeu que a arte “é importante para desenvolver no indivíduo, sensibilidade, criatividade entre outras coisas”.

A Professora D acrescentou que: “a arte é a representação máxima da emoção. Ela conta a nossa história”.

O Professor E tem expectativas sobre a Arte e efeitos salvacionistas que ela poderia, na sua visão, causar. “Creio que a arte é de extrema importância, pois se todas as pessoas conseguissem se expressar através da arte, teríamos pessoas menos frustradas e conseqüentemente um mundo melhor”.

Para a Professora B, a arte assume papel importância crucial, vital: “Gosto de pensar que a Arte nos faz refletir em como somos quanto seres humanos, o que queremos, o que pensamos, o que sentimos, a vida não seria possível sem a arte, tudo é arte, para mim a arte é mais importante que qualquer outro tema, porque representa quem nós somos” (Professora B).

A Professora C, tem um olhar pedagógico sobre a importância da Arte: “A Arte tem um importante papel na educação, por exemplo. Ela desenvolve no aluno o seu senso crítico e reflexivo, trabalha a sensibilidade e a criatividade, estimula o autoconhecimento a inteligência e contribui para a formação da personalidade do indivíduo, a Arte enquanto Arte, seja ela dentro da escola ou inserida na sociedade, o seu maior valor é a expressão e o quanto ela significa para nossa história”.

Sobre a importância e valor do Artesanato: ele pode servir para “enriquecimento cultural, desenvolver habilidades manuais”, segundo a Professora A. A Professora D acrescenta que “o artesanato, além da sua utilidade prática, mostra a matéria prima e a cultura de um povo”. E para o Professor E: “o artesanato é uma ótima ferramenta de inclusão e de inserção de muitas pessoas no mercado de trabalho”.

A Professora B acha injusta a diferenciação entre Arte e artesanato. Ela explica que: “Para mim, não há muita diferença entre ambos, porque ambos são arte, a cultura popular traz as tradições de cada povo, e cada povo repassa sua mensagem, a diferença está na valorização e para as pessoas elitistas o artesanato não é visto como arte”.

Para a Professora C, o maior valor do Artesanato está na comunicação da cultura popular de um determinado região e os benefícios que ele pode trazer à comunidade através da renda, ou como utilitário e decorativo: “O Artesanato é importante por ser uma fonte de renda, auxilia na terapia de pessoas doentes, de pessoas estressadas ou deprimidas, é uma alternativa usada em festas e comemorações como artigo decorativo, estimula a criatividade, melhora a motricidade, é uma ótima alternativa para atividades escolares, pois costuma estimular os alunos a participarem das atividades propostas, despertando um certo entusiasmo pelo resultado. Seu maior valor é comunicar a cultura popular de uma região”.

Alguns dos entrevistados apresentaram uma visão salvacionista da Arte. Como se a Arte pudesse ser a solução dos problemas do futuro, ou fosse primordial para a manutenção da vida. Enquanto o Artesanato ganharia importância no “aqui, agora”, como fonte de renda, de habilidades e inclusão.

Será que cabe à Arte a função salvacionista? Arte é sobre futuro? Ou passado? Quem sabe não é essa visão que faz, para muitos, parecer a Arte como algo maior que o Artesanato. Será que Artesanato também salva? Cura? Será que podemos colocar esse peso nessas atividades humanas? Estes são questionamentos que podem servir para outras pesquisas.

Outros entrevistados colocaram visões mais realistas e pedagógicas dos dois termos. Como a Arte perpassando pela história humana, ajudando a desenvolver o criticismo, a criatividade, a expressão e a linguagem.

Considerações finais

Sobre a escola e o ensino da arte, três dos entrevistados tiveram uma experiência “artística” baseada em trabalhos manuais, sem discussões sobre as obras de arte e com menos momentos de criação autoral. Já outros dois tiveram um importante desenvolvimento graças a um Ensino mais comprometido com a Arte em si. Podemos dizer que provavelmente tiveram um ensino baseado na abordagem triangular, no despertar de interesse e em projetos. Considerando que um destes se formou em uma escola privada e o outro em uma escola pública, percebeu-se que a diferença esteve nos seus professores e não na rede institucional.

Sobre a visão destes profissionais em relação aos conceitos de Arte e Artesanato certamente sua própria escolarização teve influência, mas a formação superior os ajudou a superar as barreiras do ensino escolar. Resumindo suas visões:

- Arte: seria a livre expressão do artista, dos seus sentimentos, emoções, pensamentos, pontos de vista. Está ligada com a leitura e interpretação da vida de forma sensível. Manifesta-se na escultura, música, atuação, poesia, desenhos, pinturas, dança, teatro, entre outros. Cada obra é única. Há o trabalho manual, podemos dizer que o artesanal está contido na Arte. São expostas em museus, galerias etc. Não tem fins lucrativos, mas pode chegar a ter um valor alto quando consagrada pelas instituições de Arte. Não necessita estar atrelada a uma técnica específica. Dá um vislumbre sobre a cultura dos povos do qual se originou. Possui um carácter elitista visto que não é acessível a todos os membros da sociedade. Não possui carácter utilitário ou decorativo. Não tem preocupação com combinações e estereótipos. Os artistas podem vir a usar técnicas dos artesãos. A Arte está presente na história desde o início da humanidade.
- O Artesanato: seria a demonstração de técnicas e habilidades manuais. Está ligado aos objetos materiais. Pode haver várias peças iguais. Podem ser vendidos em feiras ou cooperativas familiares ou servir para de uso pessoal do artesão e sua família. Possui fins lucrativos. As técnicas podem ser aprendidas em curso de artesanato, internet, com amigos ou familiares. Faz parte da cultura popular. Apresenta carácter utilitário e/ou decorativo. Se preocupa em agradar o cliente. O artesão pode se tornar um artista e/ou usufruir da virtuosidade artística. O artesanato está presente desde que existe cultura.

Na visão dos teóricos sobre o assunto, mesmo arte e artesanato não significando a mesma coisa, seus limites estão entrelaçados desde a antiguidade. A conceituação que temos de Arte hoje é um produto da nossa cultura, do nosso tempo e do nosso território cultural. Portanto, não existiria Arte com *A* maiúsculo, pois são os olhadores que fazem um quadro. No nosso momento histórico, podemos ler estes “olhadores” como: diretores de equipamentos culturais; historiadores; marchands; artistas reconhecidos; imprensa especializada; instituições acadêmicas e museológicas. Estes podem ser motivados por interesses alheios à Arte para manter ou permitir seu status e fluidez das obras no *Mercado da Arte*.

Sobre a relação entre arte e artesanato, o artesanato, enquanto técnica, faz parte da arte, e é a única parte que é passível de ensino. A *virtuosidade* e a *solução pessoal*, seriam características exclusivas do artista. Essas *fronteiras movediças* podem, num futuro próximo ou distante, se entrelaçar ainda mais, por isso devemos ter cuidado com os preconceitos sobre o artesanato e o artesão.

Os conceitos de artista e artesão também estão entrelaçados desde seu surgimento. Da mesma forma que arte e artesanato são relativos à cultura, espaço e tempo. Na atualidade, o artesão é o que se mantém no limite da técnica, o artista é o que vai além. Ambos podem fruir da técnica, e da técnica, o artesão pode migrar para o virtuosismo.

Sobre a abordagem desses profissionais e as indagações de seus alunos sobre Arte e Artesanato, uma das entrevistadas, professora de séries iniciais, viu, nos questionamentos dessa pesquisa, um ampliar de seus próprios olhares sobre as possibilidades desse tema. No Ensino Fundamental II e Médio uma das professoras notou uma cultura de artesanato puro (técnica) como referência escolar de arte quando recebia seus alunos. Um dos professores incentiva que os seus alunos se preocupem menos com a técnica e mais com a expressão. Outra entrevistada destaca que não é necessária a separação dos dois termos no ensino de Arte. Sobre os alunos dos cursos de artesanato, é possível ajudá-los a perceber que Arte não se relaciona ao gosto pessoal, e vai além da técnica.

Apesar de ainda existirem muitas questões a serem respondidas sobre Arte e Artesanato, que seriam pertinentes em pesquisas futuras, percebemos que a fronteira entre essas duas áreas é tão tênue e os conceitos tão dinâmicos, que debruçar-se sobre o ímpeto de promover a separação destes conceitos pode gerar ainda mais questionamentos do que certezas. E, nesta perspectiva, tudo é uma questão de olhares.

Referências

- ALMEIDA, S. F. C. de. **Desejo e aprendizagem na criança**: o conhecimento como uma significação fálca possível. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/estic/article/view/60737>. Acesso em: 13 ago. de 2014.
- ANDRADE, M. de. **O artista e o artesão**. Aula inaugural dos cursos de Filosofia e História da Arte, do Instituto de Artes, da Universidade do Distrito Federal em 1938. 16p. (Mimeogr.). Disponível em: http://www.usp.br/cje/depaula/wp-content/uploads/2017/03/Sem-3_O-Artista-e-o-Artesao_Mario-de-Andrade.compressed.pdf. Acesso em: 24 maio de 2018.
- BARBOSA, A. M. T. B. **A imagem no ensino da Arte**: anos 1980 e novos tempos. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- BUORO, A. B. **Olhos que pintam**: a leitura da imagem e o ensino da arte. 2. ed. São Paulo: Educ / Fapesp / Cortez, 2003.
- CANCLINI, N. G. **Diferentes, desiguales y desconectados**: mapas de la interculturalidade. Barcelona: Gedisa, 2004.
- COLI, J. **O que é Arte**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1995.
- CORAZZA, S. M. **Tema gerador**: concepção e prática. 3. ed. Ijuí: Ed. Ijuí, 2003. 60 p.
- CÓRDULA, R. AFINAL, O QUE É ARTESANATO? Segunda Pessoa, **Revista de Artes Visuais**, João Pessoa - PB, Ano 3, n. 1, p. 9-13, jun-jul-ago. 2013.
- FERRAZ, M. H. C. de T.; FUSARI, M. F. de R. e. **Arte na educação escolar**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

FERRAZ, M. H. C. de T.; FUSARI, M. F. de R. e. **Metodologia do ensino de arte**: fundamentos e proposições. 2. ed. rev. E ampl. São Paulo: Cortez, 2009.

GOLDSTEIN, I. S. Arte, artesanato e arte popular: fronteiras movediças. *In*: HIKIJI, R. S. G.; SILVA, A. O. de. **Bixiga em artes e ofícios**. São Paulo: Edusp, 2014. Disponível em: http://www.academia.edu/11659724/Capítulo_de_livro_sobre_as_fronteras_movediças_entre_arte_artesanato_e_arte_popular. Acesso em: 5 de jun. de 2018.

GOMBRICH, E. Introdução: sobre arte e artistas. *In*: **A História da Arte**. Rio de Janeiro: RTC, 1999. p. 15-37.

HEINICH, N. **La sociologie de l'art**. Paris: Éditions La Découvert, 2001.

HERNÁNDEZ, F. **Transgressão e mudança na educação**: os projetos de trabalho. Trad. Jussara Hausberg Rodrigues. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

IABELBERG, R. **Para gostar de aprender arte**: Sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: ArtMed, 2003.

JUNQUEIRA FILHO, G. A. de. **Linguagens geradoras**: seleção e articulação de conteúdos em educação infantil. Prefácio Marcos Villeta Pereira. Porto Alegre: Mediação, 2005.

KATZ, L. O que podemos aprender com Reggio Emília? *In*: EDWARD, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emília na educação da primeira infância. Trad. Dayse Batista. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda., 1999.

MEIRA, M. R. Educação estética, arte e cultura do cotidiano. *In*: PILLAR, A. D. (org.). **A educação do olhar no ensino das artes**. Porto Alegre: Mediação, 2011.

MOULIN, R. **O Mercado da arte**: mundialização e novas tecnologias. Porto Alegre: Zouk, 2007. p. 9 -47.

PIAGET, J. **A Construção de real na criança**. Tradução Delachaux Et Niestlé. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

SELBACH, S. (Supervisão Geral). **Arte e Didática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (Coleção Como Bem Ensinar)

VIGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**: O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores. Organizadores Michael Cole *et al.*; tradução José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 7. ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WINNICOTT, D. W. **O brincar & a realidade**. Tradução José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, 1975.

WHO THE #&% IS JACKSON POLLOCK? (Milionária por acaso). Direção: Harry Moses. Produção: Michael Lynne. Documentário. PlayArte, Estados Unidos da América: 2006.

Anexos

ANEXO 1

Entrevistado(a): Professora A.

Formação acadêmica: Pedagogia.

Cargo atual: Professora regente das series iniciais.

Local de atuação: Colégio Adventista do Partenon.

Tempo de atuação: 5 anos.

PERGUNTAS

1. Que tipo de trabalhos você fazia nas aulas de Arte quando era criança?

Lembro-me dos trabalhos com jornal, mosaicos, pontilhismo.

2. Que mensagem esses trabalhos escolares, realizados na disciplina de Arte, deixaram para você sobre o conceito de Arte?

Arte se resumia em trabalhos manuais variados.

3. Na sua visão, hoje, qual é a diferença entre o que é artesanato e o que é arte para você?

A Arte expressa sentimentos, sensações, a essência da pessoa. Através de música, poema, desenhos, pinturas. Já o artesanato, é um trabalho mais manual, que vai mostrar técnicas e habilidades que uma pessoa tem, em fazer determinado peça. Possui fins lucrativos, um exemplo é o artesanato indígena, que é vendido para ajudar na sua subsistência. É para uso pessoal, mas também é para o comércio, então, essa é a diferença. Um vai expressar aquilo que a pessoa sente ou pensa, e o outro vai demonstrar habilidades, aquilo que ela consegue fazer, mais para fins de decoração e/ou para fins lucrativos.

4. Como você define artesanato?

Todo trabalho manual feito com variados materiais, e pode ou não ter alguma utilidade.

5. Como você define Arte?

Toda e qualquer forma de expressar sentimento, pensamento e ponto de vista.

6. No seu trabalho atual, já percebeu alguma certa confusão de alunos ou clientes sobre as concepções de Arte e Artesanato? Como você lidou com isso?

Como são muito pequenos, meus alunos ainda não têm noções claras do que poderia ser Arte e Artesanato. Mas quando perguntei diretamente a um deles o que seria arte a resposta foi: "Arte é pintura". Ótima oportunidade de conversar sobre o assunto e incentivá-los a conhecer e a fazer arte.

7. Para você, qual a importância e valor da Arte?

É importante para desenvolver no indivíduo, sensibilidade, criatividade entre outras coisas.

8. Para você, qual a importância e valor do Artesanato?

Enriquecimento cultural, desenvolver habilidades manuais.

ANEXO 2

Entrevistado(a): Professora B.

Formação acadêmica:

Graduação em Artes Visuais – Licenciatura.

Pós-Graduação em Arte Educação – Cursando.

Cargo atual: Professora de Artes Visuais.

Local de atuação: Escola Carlos Drummond de Andrade e Escola Gentil.

Tempo de atuação: 1 ano.

PERGUNTAS

1. Que tipo de trabalhos você fazia nas aulas de Arte quando era criança?

Folhas prontas com desenhos para pintar ou preencher com sementes, papéis, cascas de frutas ou árvores; cantigas de roda, teatrinhos de bonecos etc.

2. Que mensagem esses trabalhos escolares, realizados na disciplina de Arte, deixaram para você sobre o conceito de Arte?

Não me lembro de ter estudado sobre conceitos de Arte.

3. Na sua visão, hoje, qual é a diferença entre o que é artesanato e o que é arte para você?

Artesanato é todo produto manual que se produz para venda e geração de renda em feiras ou cooperativas, também para produção e venda familiar. Os artesanatos produzidos são chamados de cultura popular. A Arte em si não é produzida em quantidade, cada obra é única, manual e o objetivo é de passar uma mensagem ou visão do artista, as obras de arte são expostas em museus, galerias etc., de carácter elitista. A Arte, para mim, é todo sentimento que coloco em uma obra, é tudo que produzo com intenção de chamar a atenção para algum assunto ou coisa. São os meus pensamentos registrados em um objeto, seja ele qual for, pintura, escultura, música, atuação...

4. Como você define artesanato?

Idem a 3.

5. Como você define Arte?

Idem a 3.

6. No seu trabalho atual, já percebeu alguma certa confusão de alunos ou clientes sobre as concepções de Arte e Artesanato? Como você lidou com isso?

Sim. Para a maioria dos professores não há diferença, nem conceito. Por exemplo, placas de EVA são consideradas arte, e se um professor de arte não trabalha com EVA, é considerado um mal professor. Eu procuro apresentar para meus alunos os dois universos, não gosto de dizer que artesanato não é arte, porque para mim, artesanato também é feito com sentimento, com amor e dedicação, e, às vezes, com muito mais pretensão de passar uma mensagem, então, faço questão de unir os dois termos como sendo arte, cada qual com suas peculiaridades.

7. Para você, qual a importância e valor da Arte?

Gosto de pensar que a Arte nos faz refletir em como somos quanto seres humanos, o que queremos, o que pensamos, o que sentimos, a vida não seria possível sem a arte, tudo é arte, para mim a arte é mais importante que qualquer outro tema, porque representa quem nós somos.

8. Para você, qual a importância e valor do Artesanato?

Para mim, não há muita diferença entre ambos, porque ambos são arte, a cultura popular traz as tradições de cada povo, e cada povo repassa sua mensagem, a diferença está na valorização e para as pessoas elitistas o artesanato não é visto como arte.

ANEXO 3

Entrevistado(a): Professora C.

Formação acadêmica: Estudante da graduação do curso Licenciatura em Artes Visuais pela Uniasselvi.

Cargo atual: Supervisora de artesanato.

Local de atuação: Lojas Linna Festas.

Tempo de atuação: 14 anos.

PERGUNTAS

1. Que tipo de trabalhos você fazia nas aulas de Arte quando era criança?

Meus professores eram inspiradores e procuravam desenvolver a sensibilidade e criatividade, lembro-me de trabalhos com colagem, onde usávamos folhas e sementes. Algumas vezes saíamos da escola e fazíamos nossas tarefas nas sombras das árvores, desenhávamos a natureza que estávamos vendo e então ela (professora) associava essa tarefa a um período da história da arte. Fazíamos fantoche com papel machê, tínhamos aula de teatro onde criávamos as peças, cuidávamos do cenário, figurino e apresentávamos para a comunidade. Usávamos muitas revistas, fazíamos muitas atividades com reciclagem, tecidos, fitas, argila, tinta, entre outros. Sempre escutávamos música nas aulas, lembro-me de uma atividade em especial: certa vez ela nos deu um bombom, sentamos no chão e ela nos colocou uma venda nos olhos, tínhamos que comer o bombom bem devagar e depois dizer às sensações que sentimos, definir o gosto usando uma cor, e justificar, foi algo tão interessante que jamais esqueci, inclusive lembro-me do gosto que senti até hoje, e o bombom, na ocasião, era o ouro branco, que se tornou para mim o melhor, o mais saboroso.

2. Que mensagem esses trabalhos escolares, realizados na disciplina de Arte, deixaram para você sobre o conceito de Arte?

A Arte para mim, desde criança, foi importante, os professores e a equipe diretiva da minha escola eram amantes das práticas artísticas, diria que a escola “respirava arte” e isso fez com que eu tivesse uma ótima base. O conceito de Arte e do quanto ela significava para nossa história era dito e repetido ano após ano, era comprovado através das mais variadas formas, sejam elas pela teoria ou pelas atividades. A mensagem que ficou foi de se ter liberdade de expressão, de poder expor as emoções, os estímulos, de criar e dar asas à imaginação, de respeitar o outro e compartilhar, de ser crítico e curioso, seja dentro ou fora da escola.

3. Na sua visão, hoje, qual é a diferença entre o que é artesanato e o que é arte para você?

A Arte é um conceito de expressão, o artista coloca em sua obra sentimentos explícitos e de fácil reconhecimento, além de não seguir uma técnica específica, normalmente são técnicas misteriosas que nos deixam com sentimento de inquietação. São peças únicas, e de valor muito alto.

O Artesanato está ligado ao utilitário, com intuito de vender várias peças iguais que agradem o cliente. Segue uma técnica que normalmente o artesão aprende em um curso de artesanato, internet ou até mesmo com amigos ou familiares. Apesar do artesão fazer uma peça com amor e carinho, dificilmente a peça vai transmitir esse sentimento, ela remete o capricho, mas não o amor.

4. Como você define artesanato?

É um trabalho feito com as mãos, ou seja, não é um produto industrializado, mas produzido várias peças iguais, muitas vezes. É visto e produzido como um utilitário. São objetos que pertencem à cultura popular. A preocupação de um artesão é com a matéria-prima, a variedade e o que a técnica pede para utilizar na produção da peça, a combinação das cores e se a peça é realmente o que o “outro” espera.

5. Como você define Arte?

A Arte é a demonstração de sentimentos de um artista, é a forma que ele lê e interpreta a vida. A Arte é história, ela está presente em nossas vidas desde os primeiros indícios de desenvolvimento do homem. É por meio da Arte que podemos conhecer a cultura de um povo. É uma forma sensível de ver o mundo. Ela é a compreensão da história da humanidade. Não tem preocupação com combinações e estereótipos. É expressão, é liberdade!

6. No seu trabalho atual, já percebeu alguma certa confusão de alunos ou clientes sobre as concepções de Arte e Artesanato? Como você lidou com isso?

No meu trabalho essa confusão acontece a todo momento, as pessoas dificilmente sabem diferenciar Arte de Artesanato, para os clientes da loja ou os clientes em curso, todo artesão é um artista, eles associam tranquilamente uma tela assinada por um artista reconhecido a uma tela pintada por um artesão e ainda comparam, sendo que muitas vezes consideram a tela do artesão muito melhor, “mais bonita” como eles costumam dizer. Hoje, por ser uma estudante de Artes Visuais, acho estranho não ser claro a diferença entre eles, procuro explicar a diferença apesar da maioria das vezes não ser compreendida.

7. Para você, qual a importância e valor da Arte?

A Arte tem um importante papel na educação, por exemplo. Ela desenvolve no aluno o seu senso crítico e reflexivo, trabalha a sensibilidade e a criatividade, estimula o autoconhecimento, a inteligência e contribui para a formação da personalidade do indivíduo, a Arte enquanto Arte seja ela dentro da escola ou inserida na sociedade, o seu maior valor é a expressão e o quanto ela significa para nossa história.

8. Para você, qual a importância e valor do Artesanato?

O Artesanato é importante por ser uma fonte de renda, auxilia na terapia de pessoas doentes, de pessoas estressadas ou deprimidas, é uma alternativa usada em festas e comemorações como artigo decorativo, estimula a criatividade, melhora a motricidade, é uma ótima alternativa para atividades escolares, pois costuma estimular os alunos a participarem das atividades propostas, despertando um certo entusiasmo pelo resultado. Seu maior valor é comunicar a cultura popular de uma região.

ANEXO 4

Entrevistado(a): Professora D.

Formação acadêmica: Licenciada em Educação Artística - Habilitação em música. UNASP- Engenheiro Coelho - SP.

Cargo atual: Professora de Arte para o Fundamental II e Ensino Médio. Regente do coral de Adolescentes do CAPA.

Local de atuação: Colégio Adventista de Porto Alegre.

Tempo de atuação: 12 anos.

PERGUNTAS

1. Que tipo de trabalhos você fazia nas aulas de Arte quando era criança?

Desenhos, pinturas com tinta guache, artesanatos diversos, colagens e recortes.

2. Que mensagem esses trabalhos escolares, realizados na disciplina de Arte, deixaram para você sobre o conceito de Arte?

Tínhamos a ideia de que a aula de arte era apenas fazer trabalhos manuais, desenhos, recortes e colagens.

3. Na sua visão, hoje, qual é a diferença entre o que é artesanato e o que é arte para você?

Acho que na prática educacional os dois às vezes acabam se misturando, trabalhamos com arte e artesanato. No âmbito profissional também podem se misturar, o artista usa técnicas dos artesãos e todo artesão é de certa forma um artista.

4. Como você define artesanato?

O artesanato tem uma função específica, uma utilidade prática, normalmente é produzido em série, tem fins lucrativos.

5. Como você define Arte?

A arte é a livre expressão do artista. É a expressão dos sentimentos e das emoções através da música, da dança, do teatro e das artes visuais.

6. No seu trabalho atual, já percebeu alguma certa confusão de alunos ou clientes sobre as concepções de Arte e Artesanato? Como você lidou com isso?

Sim, a maioria confunde, pois vem com uma ideia de que aula de arte é só fazer artesanato. Eles vêm com essa cultura das séries iniciais do ensino fundamental.

7. Para você, qual a importância e valor da Arte?

A arte é a representação máxima da emoção. Ela conta a nossa história.

8. Para você, qual a importância e valor do Artesanato?

O artesanato, além da sua utilidade prática, mostra a matéria prima e a cultura de um povo.

ANEXO 5

Entrevistado(a): Professor E.

Formação acadêmica: Licenciado em Educação física.

Cargo atual: Professor de Educação Física, Arte e Musicalização.

Local de atuação: Escola Adventista de Santa Cecília.

Tempo de atuação: 6 anos.

PERGUNTAS

1. Que tipo de trabalhos você fazia nas aulas de Arte quando era criança?

Bom, eu me lembro mais das aulas que tive no ensino médio, que foi apenas no 1º ano, pois nos anos seguintes já não fazia parte do currículo. Recordo de ter estudado alguns movimentos artísticos, pintores e alguma coisa de música. Lembro de ter bastante desenho, máscaras com atadura gessada e pinturas.

2. Que mensagem esses trabalhos escolares, realizados na disciplina de Arte, deixaram para você sobre o conceito de Arte?

Os trabalhos por mim realizados fizeram que eu entendesse toda a evolução que a arte passou em sua história, me auxiliando a pensar em maneiras diferentes de me expressar.

3. Na sua visão, hoje, qual é a diferença entre o que é artesanato e o que é arte para você?

Para mim, a principal diferença está na expressão do artista, pois arte é algo construído através dos sentimentos do artista, já o artesanato não necessariamente.

4. Como você define artesanato?

Artesanato é uma forma de arte, mas que não necessariamente é a expressão do artista, pois é mais focado na técnica e na produção da peça.

5. Como você define Arte?

Arte é uma forma de expressão artística.

6. No seu trabalho atual, já percebeu alguma certa confusão de alunos ou clientes sobre as concepções de Arte e Artesanato? Como você lidou com isso?

Sim, os alunos estão sempre se cobrando com relação as suas técnicas para produção de trabalhos, por isso tento instigá-los a conseguir expressar seus sentimentos dentro do conteúdo proposto.

7. Para você, qual a importância e valor da Arte?

Creio que a arte é de extrema importância, pois se todas as pessoas conseguissem se expressar através da arte, teríamos pessoas menos frustradas e conseqüentemente um mundo melhor.

8. Para você, qual a importância e valor do Artesanato?

Creio que o artesanato é uma ótima ferramenta de inclusão e de inserção de muitas pessoas no mercado de trabalho.

Artigo recebido em 23/05/19. Aceito em 23/08/19.

AS REPRESENTAÇÕES BIDIMENSIONAIS DO CORPO HUMANO NA SALA DE AULA

The bidimensional representations of the human body in the classroom

Ângelo Máximo¹

Antônio Roberva¹

Eliseu Santos¹

Viviane Braz¹

Resumo: Este trabalho foi feito a partir da análise de imagens da história da arte que contêm representações bidimensionais do corpo humano, com o intuito de elaborar atividades práticas para aulas de Artes de classes do 5º ano da Educação Básica. Para fundamentar os procedimentos metodológicos da nossa investigação, foi usada a Proposta Triangular de Ensino de Artes, de Ana Mae Barbosa. Esta pesquisa possibilitou compreender que a linguagem do desenho é uma das primeiras manifestações da criança e contribuiu, também, para entender a importância do processo pelo qual passa a criança, desde os primeiros rabiscos até chegar em um modelo de representação convencional da figura humana.

Palavras-chave: Figura humana. Bidimensional. Desenho. Sala de aula.

Abstract: This work was born from the analysis of images of the History of Art that contain two-dimensional representations of the human body, with the intention of elaborating practical activities for Arts classes of the 5th year of Basic Education. To substantiate the methodological procedures of our investigation was used the Triangular Proposal of Teaching of Arts, by Ana Mae Barbosa. This research made it possible to understand that the language of drawing is one of the first manifestations of the child and also contributed to understand the importance of the process in which the child develop yourself, from the first scribbles to a conventional representation model of the human figure.

Keywords: Human figure. Two-dimensional. Drawing. Classroom.

Introdução

Neste trabalho, analisaremos imagens da história da arte que contêm representações bidimensionais do corpo humano. O intuito é elaborar atividades práticas para aulas de Artes de classes do 5º ano da Educação Básica.

É preciso utilizar o método histórico para orientar o percurso do nosso pensamento, pois as representações bidimensionais do corpo ocasionam construções ao longo do tempo, registradas em desenhos, gravuras e pinturas sobre diferentes meios. Formas gráficas ancestrais permanecem sendo veiculadas por diferentes mídias na contemporaneidade, inclusive virtuais, como o boneco em forma de palito. O método histórico investiga instituições sociais que resultam de uma construção diacrônica (LAKATOS; MARCONI, 2000).

Usaremos a Proposta Triangular de Ensino de Artes, de Ana Mae Barbosa, para fundamentar os procedimentos metodológicos da nossa investigação. Ainda, é necessário planejar as atividades práticas para os estudantes do 5º ano da Educação Básica (BARBOSA, 1975).

Na primeira parte do nosso estudo, faremos o levantamento de representações em duas dimensões do corpo humano e com diferentes suportes, materiais e estilos de época, documentados pela historiografia, desde as pinturas rupestres pré-históricas às imagens virtuais contemporâneas (GOMBRICH, 1988). Serão investigados os autores, o contexto sociocultural e as ideologias que podem estar presentes na criação. Este é o primeiro eixo do tripé: contextualização histórica.

¹ Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI – Rodovia BR 470 – Km 71 – n. 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br.

Passaremos, em seguida, à leitura das imagens levantadas, analisando os elementos da linguagem gráfica empregada pelo artista, os materiais, a cor, a composição e as construções de geometria euclidiana encontradas, a saber: linhas, tipos de traçados de linhas, polígonos regulares e irregulares, figuras circulares, espirais, arcos, círculos e parábolas. Este é o segundo eixo do tripé: leitura de imagem.

Por fim, elaboraremos uma atividade prática na qual o aluno possa sintetizar, de maneira própria, individual e imaginativa, as diferentes formas e técnicas plásticas e, ainda, representar o corpo humano, ou o próprio corpo, elencadas pelo professor através da pesquisa e da análise histórica. Este é o terceiro eixo do tripé: o fazer artístico. Conforme Heimann (2015), os alunos de oito a dez anos, média de idade dos alunos do 5º ano, estariam na fase do “Esquematismo” ou “Realismo”, nas representações da figura humana através do desenho.

A relação entre o desenvolvimento da criança e a produção gráfica foi o ponto inicial para elaborarmos uma série de desenhos, seguindo a evolução do desenho infantil, conforme a categorização proposta pela autora. Usando giz de cera e canetas hidrográficas, fomos tentando representar o grafismo infantil em cada etapa da infância. Garatujas desordenadas (de um a dois anos de idade), garatujas ordenadas (com início aos dois anos de idade), garatujas nomeadas (a partir dos três anos), fase pré-esquemática (dos quatro aos seis anos), esquematismo (dos seis aos oito anos), realismo (dos nove aos doze anos), pseudonaturalismo (dos doze a quatorze anos) e fase da adolescência.

O trabalho consiste em tentar entender o grafismo infantil usando o exercício de desenho. Pensamos ser necessária a obtenção de dados empíricos que possam ser utilizados como critérios de Observação Avaliativa para o professor durante a realização das aulas práticas com os alunos.

Desenhar é um ato que acompanha o ser humano desde os primeiros anos de vida. A necessidade de expor, de se comunicar e deixar sua marca no mundo faz do desenho um ato político e, ao mesmo tempo, informativo. O desenho da figura humana possui muitas funções na sociedade, desenho anatômico, desenho de moda etc. É visto, por muitos, como um importante instrumento de trabalho. Para uns, o ato de desenhar é um recurso que traz satisfação e bem-estar, para outros, é algo muito complicado ou impossível de ser realizado. Cabe aos professores se apropriarem de metodologias que contribuirão para o conhecimento do desenho do aluno, da sua criatividade e expressão, evitando inibir sua produção original e inédita.

Compreender a relação entre o corpo e as aquisições psicomotoras leva a perceber que estas últimas, gradativamente, vão se organizando no decorrer do desenvolvimento humano. Dentro da perspectiva do desenvolvimento infantil, é no período da alfabetização que a criança tem a oportunidade de desenvolver as suas habilidades e construir conhecimento devido às experiências vividas dentro e fora do ambiente escolar.

No período de ensino/aprendizagem, a criança traz consigo as suas primeiras experiências gráficas na forma de desenho. Estas possibilitam expressar suas ideias, seus sentimentos, desejos e comunicar as suas descobertas, seus anseios e vontades. O desenho, na Educação Infantil, destaca-se como uma linguagem gráfica importante no desenvolvimento da criança, além de um meio das representações expressiva, criadora e imaginária.

O desenho é elemento de expressão e linguagem da arte, e pode ser considerado uma produção criadora que envolve uma gama de sentimentos e pensamentos, reunindo elementos da experiência para formação de novos saberes. A arte é essencial na vida da criança, pois contribui profundamente no processo de ensino-aprendizagem. Ela está associada ao desenvolvimento expressivo do discente, tornando-o um sujeito criativo e autônomo.

No ato de desenhar, a criança age e interage com o meio, seu corpo inteiro se envolve na ação, esta traduzida em forma de marca, transportando-se para o desenho, modificando e se modificando. O desenvolvimento do desenho da criança na educação infantil é parte essencial para sua iniciação de noções das formas, das estruturas, pois a criança experiencia todos os reflexos de percepção que tem.

Ao desenhar, a criança brinca e verbaliza seus pensamentos e sentimentos, deixando marcas no papel. Aos poucos, ela percebe o lápis em sua mão como um objeto mágico e atua com prazer sobre o espaço do papel, imprimindo seus rabiscos e traços. Quando a criança desenha, representa situações e personagens do mundo adulto, manifestando-se simbolicamente. Assim, surgem rabiscos da figura humana.

Segundo Lowenfeld e Britain (1977, p. 149), “tipicamente, o homem é desenhado com um círculo indicando a cabeça e, com as duas linhas verticais, as pernas”. A afirmação permite notar que um dos primeiros símbolos criados pelas crianças é o homem, o que faz perceber também a importância da figura humana na infância.

Objetivos e metodologia

Os procedimentos metodológicos que serão empregados no planejamento das Aulas Práticas para os alunos do 5º ano do Ensino Fundamental visam alcançar os seguintes objetivos: a) perceber elementos da linguagem gráfica (pontos, linhas, polígonos e sombras) em um espaço dado; b) diferenciar o uso do espaço na linguagem das imagens bidimensional e tridimensional; c) comparar os polígonos com os poliedros para distinguir as figuras de superfície dos corpos sólidos; d) conhecer os elementos da linguagem gráfica (ponto, linha, plano, volume, sombra) e experimentar as possíveis combinações; e) distinguir os sólidos com arestas dos corpos redondos; f) traçar diferentes tipos de linhas: retas, curvas, quebradas, tracejadas, pontilhadas, horizontais, verticais, inclinadas, paralelas, perpendiculares, riscos, rabiscos e garatujas; g) usar o ponto, a linha e o círculo como elementos de composição de desenhos esquemáticos da figura humana.

Todas as práticas planejadas para as classes de Artes, e que serão descritas no corpo do trabalho, foram testadas pelo grupo de pesquisa, para levantamento de dados empíricos que serão úteis ao professor na administração das referidas atividades.

A representação bidimensional do corpo humano na história

Quando, no passado da humanidade, o traço ganha intencionalidade e vira desenho, passando a ter função comunicativa? É imemorial, contudo, com os registros fósseis, as pinturas rupestres e o aparecimento da escrita são especulados entre 20 a 25 mil anos, durante o Neolítico. Talvez houvesse a necessidade de registrar o tempo e computar a produção agropecuária. O aparecimento da pintura é anterior ao desenho, pois foram encontrados sítios com ossos pintados e a presença de pólen, revelando a existência de rituais fúnebres (MORIN, 1979).

As mais antigas representações gráficas da figura humana são as pinturas rupestres neolíticas, no estilo geométrico, atestando a capacidade do Homo sapiens em abstrair conceitos, esquematizar, generalizar formas e padrões gráficos com função comunicativa.

Figura 1. Pintura rupestre - Serra do Jaraguá - GO



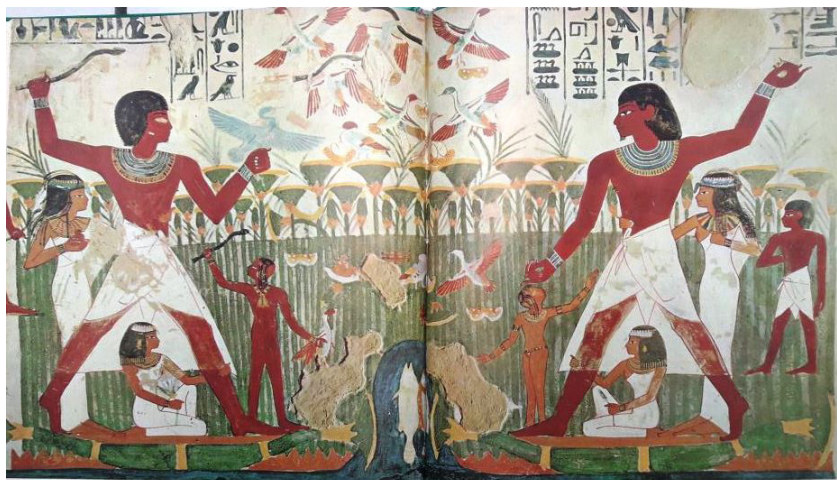
FONTE: Elaborado pelos autores (2019).

As pinturas neolíticas são frutos da análise da percepção das formas encontradas na natureza, diferentemente das pinturas de animais do Paleolítico, em estilo naturalista, e que demonstram a capacidade humana de observar o mundo.

Para Morin (1979), a consciência da morte despertou, no ser humano, a presença do tempo e, conseqüentemente, da imortalidade, portanto, o nascimento da cultura. Dessa forma, a necessidade de representar graficamente a si mesmo nasce quando o homem desperta para o fato de que o seu corpo é perecível e a sua existência é breve.

No antigo Egito, na pintura e nos baixos relevos, não há ideia de profundidade, tudo é representado em um só plano. Dessa forma, a sensação de segundo plano é obtida pela diminuição do tamanho da figura. As personagens maiores estão à frente, em primeiro plano, e as figuras menores dão a sensação de estarem mais atrás, afastadas.

Figura 2. Afresco egípcio no túmulo de um nobre



FONTE: Elaborado pelos autores (2019).

É sabido que todas as civilizações antigas possuíam habilidade para representar a anatomia humana, tanto no plano quanto na escultura. Não por incapacidade técnica ou problemas cognitivos, mas por razões hieráticas. Toda a produção cultural da antiguidade é fundamentada no Teocentrismo, já que a religião determina e regula a genealogia, os papéis das classes sociais e os cânones estéticos determinados culturalmente.

Na cultura helênica, as representações bidimensionais do corpo aparecem com muita evidência na pintura de vasos cerâmicos (GOMBRICH, 1988). Em uma cratera encontrada no cemitério de Dipylon, em Atenas, cerca de 800 a.C., e que servia para a colocação de oferendas aos antepassados, aparecem figuras humanas e de animais no interior de uma concepção geométrica.

Figura 3. Vaso grego no estilo geométrico



FONTE: Elaborado pelos autores (2019).

O testemunho de desenhos que direcionam ao período medieval é muito raro, seja pelo preço do pergaminho, seja pela pouca consideração que tem a prática do desenho. Até que a arte seja considerada uma atividade artesanal, o desenho é apenas um instrumento funcional para a realização funcional da obra. Apenas no fim do século XIV, Cennino Cennini exalta a sua importância, coloca-o na base das artes e recomenda o seu exercício cotidiano. Os exemplos mais interessantes de desenho na Idade Média provêm das iluminuras, dos livros de esboços e das sinópias, os desenhos preparatórios para os afrescos (GOMES, 1996). Como é percebido, as representações bidimensionais do corpo só aparecem nos esboços esquemáticos e preparatórios das obras.

No século XV, a difusão do papel, mais econômico que o pergaminho, leva a um aumento da prática do desenho, que assume um papel decisivo na formação dos artistas nas oficinas. Graças ao desenho preparatório, os mestres podem pedir aos ajudantes a execução das obras. No século XV, o desenho encontra-se ainda privado de um valor separado. É estreitamente funcional para a obra, todavia, no decorrer do século, torna-se um meio para estudar a natureza. Além disso, a partir da Alemanha, difundem-se, por toda a Europa, as novas técnicas de estampa e de gravura, com as quais se realizam obras caracterizadas por um traço claro e preciso (JANSON; JANSON, 1996). Assim como na Idade Média, durante o Humanismo e o Renascimento, a figura bidimensional do corpo aparece nos esboços e esquemas preparatórios do trabalho.

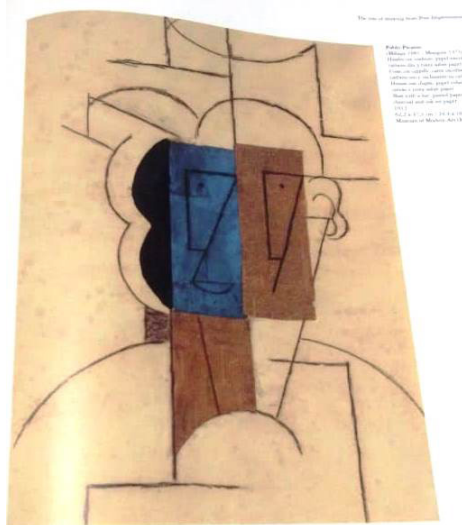
Com a chegada da fotografia, a partir de 1826, modifica-se a maneira das pessoas perceberem os objetos, agora pelo enquadramento das lentes e objetivas, revelando ângulos imprevistos, texturas, sombreamentos e uma riqueza de detalhes impossíveis de serem captados apenas pelo olho. Dessa maneira, a pintura e o desenho partem rumo ao abstrato e ao bidimensional, culminando com a chegada das Vanguardas, no final do século XIX e começo do XX.

Com o surgimento de inúmeros inventos e descobertas científicas, da briga por patentes e nacionalismos, com o impacto da Primeira Grande Guerra, a arte da Vanguarda postula ideais estético-universais, que fogem da aparência fotográfica dos objetos em direção à geometrização das formas gráficas e às abstrações pictórica e escultórica. As tintas, colas e resinas passam a ser produzidas industrialmente. As colagens com figuras planas de papéis diversos, assim como as assemblagens, denunciam a estética do Cubismo. Tanto em Picasso como em Braque, os dois principais artistas da tendência, os desenhos e pinturas explorando a representação geométrica do corpo são inúmeros, tanto em formas bidimensionais, como em formas tridimensionais.

Os cubistas foram buscar inspiração para geometrizar o desenho e a pintura na arte dos povos indígenas, africanos e de todas as sociedades que o racionalismo rotulou de primitivas, e cujo espólio foi parar nos museus da Europa como troféu da colonização.

Na Vanguarda alemã, a partir de 1919, a escola Bauhaus unificou as disciplinas artísticas no currículo, arquitetura, desenho industrial, escultura e pintura. Aparecem, na produção dos artistas que passaram pela escola, representações construtivas do corpo, explorando as figurações plana, euclidiana, assim como figurações poliédricas tanto na pintura como no desenho.

Figura 4. Pablo Picasso - “Homem com chapéu”



FONTE: Elaborado pelos autores (2019).

A contemporaneidade entende o conceito de desenho como o emprego intencional do traço, independentemente da aparência figurativa ou não da obra. Já a pintura é entendida enquanto aplicação de pigmento sobre uma superfície, independentemente de o resultado ser ou não uma abstração. As figuras bidimensionais do corpo humano, representadas em desenho, pintura ou em mídia, são inumeráveis na contemporaneidade, aparecendo na produção de muitos artistas.

Salientamos o trabalho do artista norte-americano Keith Haring, que desenvolveu uma linguagem muito particular com a silhueta humana para a produção dos seus grafites urbanos. Seu trabalho reflete a cultura nova-iorquina dos anos 1980.

Figura 5. Keith Haring - Grafite



FONTE: Elaborado pelos autores (2019).

Resultados e discussão - Análise da linguagem gráfica

Após contextualizarmos a figuração bidimensional do corpo humano no tempo, prosseguiremos com a leitura de imagens das cinco obras citadas anteriormente. Os objetivos são recortar o conteúdo e isolar os elementos da linguagem gráfica para o planejamento das habilidades a serem trabalhadas nas aulas.

Figura 1. Pintura Rupestre de Jaraguá. Cena gravada em um bloco erguido na serra de Jaraguá, perto da cidade do mesmo nome no estado de Goiás, mostrando homens, mulheres e crianças no que parece ser uma representação ritual, entre 8.000 e 9.000 anos.

Figura 2. Afresco egípcio no túmulo de um nobre. Novo Império (1580 a 1080 a.C.). Cena de caça e pesca entre os altos caniços de papiro às margens do Nilo, um esporte apreciado pelas famílias vinculadas à nobreza.

Figura 3. Vaso grego no estilo geométrico. Cratera fúnebre encontrada no cemitério de Dipylon, em Atenas, cerca de 800 a.C. Vaso grande com orifícios no fundo por onde escorriam as oferendas ao morto.

Figura 4. Pablo Picasso, 1912. “Homem com chapéu”. Papel colado, carvão e tinta sobre papel.

Figura 5. Keith Haring, final da década de 1980. “Kunsthalle of the Hypo Cultural Foundation”. Grafite.

Como critério de análise das imagens, o aparecimento de formas geométricas planas, a chamada geometria euclidiana, ou seja, o uso, pelo artista, dos entes axiomáticos: o ponto, a linha e o plano. Da mesma forma, analisaremos a disposição dos elementos gráficos no espaço, enquadramento e relação de tamanho entre as figuras.

O segundo critério para a análise das imagens será o conceito perceptivo de linha de circunscrição. “É aquela que descreve uma determinada imagem, contudo, sem definição do que vem a ser o fundo ou a figura” (GOMES, 1997, p. 34). A linha de circunscrição é a linha de contorno que divide o espaço em duas áreas: a região interna da figura delimitada pela linha e a região externa. A aplicação da linha permite a criação de moldes vazados e o uso de silhuetas, como se pode observar em alguns trabalhos de grafite de Keith Haring e de outros artistas de rua.

Entendemos “forma” no sentido aristotélico, já que apenas a presença de um único objeto permite inferir a existência de um grande número de objetos idênticos (ARISTÓTELES, 2010). Esse fato, de a forma poder ser imitada, chama atenção para a seguinte característica das formas físicas: a transposição. Conforme a Psicologia da Forma, as formas físicas são transportáveis, isto é, “certas propriedades permanecem constantes quando todos os elementos são alterados de alguma maneira” (GUILLAUME, 1960, p. 20).

No quadro a seguir, registramos algumas características da linguagem gráfica que aparecem nas obras selecionadas, como a presença de formas euclidianas e a percepção visual das relações figura/fundo.

Quadro 1. Análise da linguagem gráfica

ANÁLISE DA LINGUAGEM GRÁFICA					
	PONTOS	LINHAS	POLÍGONOS	SILHUETAS	COMPOSIÇÃO
Figura 1 Rupestre	Aparecem como cabeça e órgãos dos sentidos e orifícios.	Boneco em forma de palito com retas, curvas inclinadas, divergentes, concêntricas, paralelas, perpendiculares.	Apenas linhas poligonais nos bonecos em forma de palito.	Aparecem também nos bonecos.	Boneco com sugestão de movimento pela angulação dos braços e pernas, círculos ou arcos para representação da cabeça. Pintura sobre rocha, acompanhando as irregularidades e arestas.

Figura 2 Afresco	Nas pupilas dos olhos, pequenos círculos.	Muitas paralelas verticais na representação dos papiros, linhas concêntricas nos colares, linhas de contorno das vestimentas e dos corpos.	F o l h a g e m triangular dos papiros. Vestimentas masculinas, trapezoides, femininas e cilíndricas.	Corpos esquemáticos com peito triangular e, nas figuras femininas, linhas sinuosas para os quadris.	“Princípio da frontalidade” na figura humana: cabeça e pernas de perfil, peito e olho de frente. Figuras de variadas alturas e tamanhos para simulação da profundidade.
Figura 3 Cerâmica	A cabeça é um pequeno círculo.	Poligonais para o tórax e os braços e sinuosas para os quadris.	Tórax triangular nas figuras masculinas e femininas.	Silhuetas negras com corpos esquemáticos: cabeça circular, tórax triangular, braços lineares, quadris e pernas sinuosas.	Figuras humanas e de animais no interior de uma concepção geométrica para narração de um acontecimento real, um funeral. A composição acompanha o formato do jarro. A narrativa é separada entre frisos paralelos.
Figura 4 Colagem	Os olhos são dois pequenos círculos.	Arcos, retas, curvas paralelas e ângulos retos para designação da face e do busto do homem.	A face do homem representada por dois retângulos e o pescoço é um trapézio.	Sugestão do rosto de perfil com silhueta negra e, ao mesmo tempo, frontal.	Decompõe a figura do rosto humano, colocando, no mesmo plano, os diferentes ângulos de visão do rosto do homem.
Figura 5 Grafite	Na região interna dos animais e para representação do chão.	Arcos para representação do movimento dos animais. Linha de contorno da figura humana em forma perpendicular com a linha de terra.	Formato retangular dos animais e do corpo humano, tórax e membros.	Linha de contorno separa figura/fundo, criando silhuetas.	Personagens são silhuetas estilizadas do corpo humano e animal, separadas do fundo apenas pela linha de contorno e destacadas pelas cores puras.

FONTE: Elaborado pelos autores (2019).

Práticas com a figura humana para o 5º ano

Após a contextualização histórica do desenho bidimensional da figura humana, leitura e análise da linguagem gráfica empregada pelos artistas para a feitura das obras selecionadas, utilizaremos essas imagens como referência para o planejamento das aulas de Artes do 5º Ano, durante o período de um mês e 14 dias, com uma carga horária de 2 horas semanais, totalizando 12 horas.

No quadro a seguir, estabelecemos as metas a serem atingidas a partir da obra tomada como referência, os pré-requisitos necessários para que o aluno realize a prática, as categorias técnicas, os materiais e a carga horária. O planejamento de cada atividade com os objetivos específicos e os procedimentos será descrito em seguida.

Quadro 2. Planejamento

REFERÊNCIAS	PRÉ-REQUISITOS	METAS	TÉCNICAS	MATERIAIS	CARGA HORÁRIA
1. Pintura rupestre	Desenhos de vários tipos de linhas; desenho do boneco em várias posições e movimentos.	Esquemática da figura humana em cabeça, tronco e membros.	Textura, desenho.	Papel kraft, giz de cera, carvão, lápis, papel e argila dissolvida em água e cola branca.	1h: pré-requisitos. 1h: para cumprir as metas.
2. Pintura egípcia	Desenhos de polígonos regulares e irregulares.	Perspectividade, narrativa visual com as figuras humanas geométricas.	Colagem.	Molde vazado com polígonos, papéis coloridos, lápis, régua, tesoura e cola.	1h: pré-requisitos. 1h: para cumprir as metas.
3. Pintura grega	Esboços das figuras em várias posições.	Representação do corpo masculino e do corpo feminino.	Desenho e pintura.	Tinta guache preta, pincel e papel.	1h: pré-requisitos. 1h: para cumprir as metas.
4. Pintura cubista	Desenhos de arcos, linhas, curvas, círculos, elipses e espirais.	Esquemática da figura humana com figuras circulares.	Colagem.	Papéis coloridos, lápis, cola, tesoura, moldes vazados com figuras geométricas.	1h: pré-requisitos. 1h: para cumprir as metas.
5. Grafite	Figuras em positivo e em negativo.	Silhuetas do corpo humano.	Grafite.	Revistas, tesoura, papel e tinta spray.	1h: pré-requisitos. 1h: para cumprir as metas.
6. Livre criação	Todos os anteriores.	A serem definidas.	A serem definidas.	A serem definidos.	2 h na escola, livre em casa.

FONTE: Elaborado pelos autores (2019).

Planejamento das atividades

Aula Prática 1: A figura humana nas pinturas rupestres.

Objetivo geral: Conhecer as formas gráficas de esquematização da figura humana encontradas nas pinturas rupestres. Essas formas continuam presentes na contemporaneidade no uso do boneco, tanto pelas artes visuais, quanto pelo design de produtos e publicidade.

Objetivos específicos:

- a) Conhecer e utilizar os diversos tipos de linhas geométricas.
- b) Esquematizar a figura humana em cabeça, tronco e membros, usando o boneco, criando, com ele, uma série de figuras em diferentes posições e movimentos.

Procedimentos:

a) Pré-requisitos:

Exibição de imagens de pinturas rupestres. Discussão participada sobre a função dessas pinturas, as técnicas pictóricas utilizadas, os pigmentos naturais etc. Antes de realizar o trabalho final, é necessário que o aluno exercite o traçado de linhas manualmente. Em seguida, ele deverá criar diversas esquematizações da figura humana com o boneco, fazendo um esboço preparatório a lápis ou com canetas.

b) Simulando a pintura rupestre:

Primeiro, criar texturas sobre o papel kraft (tipo saco de cimento) com o giz de cera, friccionando o giz sobre o papel colocado em uma superfície áspera. Pincelar argila dissolvida com cola sobre o papel, para que, depois de seco, simule a aparência da rocha. Depois de seco, amassar o papel e esfregá-lo no chão suavemente para simular a superfície da pedra. A partir dos esboços feitos, o aluno escolhe a figura a ser transportada para o papel, desenhando o boneco com carvão. Depois de desenhado, o trabalho deve ser fixado com verniz spray.

Avaliação:

O professor fez a observação e o registro dos alunos realizando as atividades, pontuando as dificuldades expressas e compartilhadas com o grupo e as habilidades na resolução das situações. Roda de conversa com o grupo e exposição dos trabalhos em varal.

Aula Prática 2: A figura humana na pintura egípcia.

Objetivo geral: Conhecer a forma estereotipada desenvolvida pela pintura egípcia para representação do corpo humano nos afrescos, baixos-relevos e pergaminhos. Utilizar o esquema de composição bidimensional das narrativas visuais, buscando representar a profundidade pela variação de tamanho das personagens.

Objetivos específicos:

- a) Conhecer e utilizar polígonos regulares e irregulares.
- b) Estudar a composição do afresco citado anteriormente, utilizando polígonos de papel colorido em substituição às figuras representadas. O objetivo é compreender que a pintura egípcia é uma pintura bidimensional.

Procedimentos:

a) Pré-requisitos:

Exibição de imagens das pinturas egípcias. Discussão participada sobre as convenções estéticas empregadas e a função religiosa. Exercícios manuais de traçados de polígonos regulares e irregulares.

b) Criando uma narrativa gráfica com polígonos em substituição à figura humana representada em um afresco egípcio:

Utilizando moldes vazados com as figuras dos polígonos, riscá-los com lápis sobre papéis coloridos. Depois de recortados, ir colando os recortes sobre uma cópia do afresco, observando o efeito bidimensional da composição quando há substituição da imagem da figura humana pelo polígono.

Avaliação:

O professor fez a observação e o registro dos alunos realizando as atividades, pontuando as dificuldades expressas e compartilhadas com o grupo e as habilidades na resolução das situações. Roda de conversa com o grupo e exposição dos trabalhos em varal.

Aula Prática 3: A figura humana nos vasos gregos do estilo geométrico.

Objetivo geral: Conhecer a pintura de vasos gregos, considerados a publicidade da época, observando os papéis masculino e feminino nas representações. A figura humana aparece em cenas cotidianas ou em temas mitológicos. Os vasos tinham funções utilitárias, domésticas, religiosas, mas também comerciais, usados no transporte de azeite e vinho, levando a cultura helênica para além do circuito mediterrâneo.

Objetivo específico:

a) Transportar os desenhos da figura humana que aparecem na Cratera de Dipylon para o papel. Observar a disposição dos braços para representar o movimento e o uso de linhas sinuosas para os quadris das personagens femininas.

Procedimentos:

a) Pré-requisitos:

Exibição de imagens dos vasos, mostrando as fases de sua evolução ao longo da civilização grega: estilo geométrico, estilo arcaico, estilo clássico, vasos com figuras negras e vasos com figuras vermelhas. Discussão participada sobre o uso dos vasos e as representações sociais do homem e da mulher. Realizar vários esboços das figuras retiradas do vaso, diferenciando o homem da mulher pelo uso da linguagem gráfica.

b) Transportando a figura humana do vaso para o papel:

De posse dos esboços realizados, escolher uma figura masculina e uma feminina. Transferir, de forma manual, o desenho esquemático para o papel, que deverá ser pintado com tinta preta.

Avaliação:

O professor fez a observação e o registro dos alunos realizando as atividades, pontuando as dificuldades expressas e compartilhadas com o grupo e as habilidades na resolução das situações. Roda de conversa com o grupo e exposição dos trabalhos em varal.

Aula Prática 4: A figura humana nas pinturas cubistas.

Objetivo geral: Conhecer a representação cubista dos objetos, esta que é mostrada sob diferentes ângulos de visão ao mesmo tempo, inclusive a figura humana. Muitas vezes, de perfil e de frente em uma mesma imagem.

Objetivo específico:

a) Esquematizar a figura humana com figuras circulares, arcos, círculos, curvas concêntricas, espirais etc.

Procedimentos:

a) Pré-requisitos:

Exibição de várias imagens das pinturas cubistas. Discussão participada sobre a estética das vanguardas e o impacto dos meios mecânicos de reprodução da imagem, fotografia, cinema, meios que modificaram a aparência da arte no século XX. Desenhos manuais de formas circulares.

b) Criação de uma figura humana com figuras arredondadas:

Usando moldes vazados com formas circulares, riscá-las sobre papéis coloridos. Depois de recortar, esboçar uma figura humana, observando as articulações do corpo e movimentando os recortes antes da colagem definitiva.

Avaliação:

O professor fez a observação e o registro dos alunos realizando as atividades, pontuando as dificuldades expressas e compartilhadas com o grupo e as habilidades na resolução das situações. Roda de conversa com o grupo e exposição dos trabalhos em varal.

Aula Prática 5: A figura humana no grafite.

Objetivo geral: Observar a influência da publicidade e da propaganda na representação da figura humana nos grafites. Muitas vezes, são utilizadas máscaras e moldes vazados, explorando a silhueta, e as figuras em positivo e negativo.

Objetivos específicos:

a) Confeccionar máscaras e moldes vazados a partir de fotos de pessoas recortadas de revistas.

b) Diferenciar a arte do grafite das pichações que danificam o patrimônio público e os monumentos.

Procedimentos:

a) Pré-requisitos:

Exibição de imagens de grafites pelas cidades brasileiras e do mundo. Imagens sobre a obra de Keith Haring. Exercícios com figuras negativas e positivas de polígonos com giz de cera, para observação dos efeitos óticos e as relações figura/fundo.

b) Experimentando moldes vazados com fotografias recortadas de revistas:

Recortar fotos de pessoas em revistas para utilizá-las como máscaras e moldes vazados. Fixar os recortes com pedacinhos de fita adesiva sobre o papel. Usando um spray, pulverizar as máscaras e os moldes confeccionados para a produção de grafites.

Avaliação:

O professor fez a observação e o registro dos alunos realizando as atividades, pontuando as dificuldades expressas e compartilhadas com o grupo e as habilidades na resolução das situações. Roda de conversa com o grupo e exposição dos trabalhos em varal.

Aula Prática 6: Trabalho de livre expressão, utilizando os elementos da linguagem gráfica que foram estudados, sobre a representação bidimensional da figura humana.

Objetivo geral: Planejar, cada aluno individualmente, as etapas de elaboração de um trabalho de arte, partindo de esboços com lápis, estudos preparatórios com canetas, cera, carvão ou guache e antes da realização da obra definitiva. O trabalho deverá ser de livre criação do aluno, utilizando as técnicas estudadas, e não como resultado final, estereotipado, apenas a reprodução mecânica de uma técnica. Estimular o aprendizado do conhecimento sensível, a percepção da própria expressão gráfica, a emoção estética pela contemplação das formas, a imaginação sobre o fazer, premeditando as ações, uso da criatividade a partir da sensibilidade individual que capta mensagens enviadas do inconsciente.

Objetivos específicos:

a) Executar os esboços preparatórios do trabalho com lápis.

b) Transferir os esboços mais significativos para outros papéis com canetas, giz de cera, guache. Após, discutir, com o professor, a melhor forma e procedimento para expressar a ideia do trabalho.

c) Definir os materiais necessários e os procedimentos artísticos para a realização definitiva do trabalho.

Procedimentos:

a) Pré-requisitos:

O aluno deverá escolher, a partir de todas as técnicas aprendidas e estudadas anteriormente, com a mediação do professor, aquelas que melhor sirvam para a expressão do seu pensamento, e não apenas a reprodução mecânica de uma técnica gráfica ou pictórica.

b) Criação de um trabalho de livre expressão sobre a representação bidimensional da figura humana.

Autoavaliação: mediada individualmente e coletivamente por um professor.

Avaliação final

Neste trabalho, o processo de avaliação deverá ser processual e contínuo, para que o professor possa diagnosticar a realidade na qual o processo de ensino-aprendizagem acontecerá. Deverá também ter função formativa, permitindo que o professor e os alunos percebam seus erros e acertos.

Será utilizada a observação avaliativa como instrumento, pois esta possibilitará ao professor verificar as dificuldades expressas pelos alunos, quais deles são mais habilidosos na resolução de situações e que mudanças são necessárias para atingir os objetivos. Essas dificuldades serão trabalhadas antes das práticas, como forma de obter os pré-requisitos necessários para uma execução consciente das tarefas, alcançando as metas estabelecidas.

Ao término de cada prática, os trabalhos serão expostos em varais ou tapumes para a apreciação de todos os presentes. Abre-se, então, uma roda de conversa, na qual os alunos poderão emitir juízos e valores sobre as obras, sempre mediados pelo professor.

Quando todas as práticas forem concluídas, organizar uma exposição final no pátio, auditório ou sala com todos os trabalhos realizados. Antes da montagem, discutir a Curadoria, quantos e quais trabalhos, quais as atribuições de cada pessoa para a realização do evento, combinando o calendário e o cronograma com a coordenação pedagógica da unidade escolar.

Na fase final do trabalho, realizar uma autoavaliação, para que cada aluno expresse sua apreciação com relação ao processo pedagógico e ao resultado. Contudo, isso só será possível e vantajoso se, durante todo o processo de execução das práticas, a avaliação for mediada pela observação do professor, esclarecendo as metas a serem atingidas e ajustando os procedimentos aos níveis psicomotor e cognitivo da turma.

Considerações finais

Como este trabalho procurou demonstrar a necessidade humana de expressar-se graficamente, é imemorial, remonta às origens do Homo sapiens. A importância da expressão é incalculável nos desenvolvimentos psicomotor, psicossocial e cognitivo da criança, como já ficou demonstrado pelas Ciências Humanas e Naturais, que são, na Arte, base para a expressão de todas as modalidades técnicas.

O mito de Narciso vai além da questão da luxúria e da Grécia antiga, apontando para as origens do ser humano, para a percepção da identidade, a consciência da finitude da vida e da precariedade do tempo. A expressão gráfica é uma habilidade inerente ao humano, e o boneco

bidimensional é um arquétipo que é originado do conhecimento letrado. Assim como o homem é a imagem e semelhança de Deus, o boneco primordial é a imagem do Narciso Individual: EU.

A palavra desenho, no sentido denotativo, significa o traçado, o risco, o contorno das figuras delimitadas pelas linhas e sombras. Contudo, no sentido conotativo, a palavra ganha outras significações, que vão além da operacionalidade do traço, passando ao desígnio, planejamento, estabelecimento de metas, percurso. Assim, podemos afirmar, categoricamente: se não desenha, não é “Homo sapiens”!

Esta pesquisa também possibilitou compreender que a linguagem do desenho é uma das primeiras manifestações da criança e entender a importância do processo pelo qual passa a criança, desde os primeiros rabiscos até chegar em um modelo de representação convencional da figura humana.

Referências

ARISTÓTELES. **Categorias**. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2010.

BARBOSA, Altair Sales *et al.* **Arte rupestre no centro do Brasil**: pinturas e gravuras da pré-história de Goiás e Oeste da Bahia. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 1984.

BARBOSA, Ana Mae. **Teoria e prática da educação artística**. São Paulo: Cultrix, 1975.

CASSON, Lionel. **O antigo Egito**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1969.

FERRARI, Solange dos Santos Utuari. **Porta aberta**: arte 4º e 5º anos. São Paulo: FTD, 2014.

GOMBRICH, E. H. **A história da arte**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

GOMES, Luís Vidal Negreiro. **Debuxo**. Santa Maria: UFSM, 1997.

GOMES, Luís Vidal Negreiro. **Desenhismo**. 2. ed. Santa Maria: UFSM, 1996.

GUILLAUME, Paul. **Psicologia da forma**. São Paulo: Nacional, 1960.

HEIMANN, Maria Terezinha. **Arte na escola**: desafios na arte educação/Blumenau: Nova Letra, 2015.

JANSON, H. W.; JANSON, Anthony. **Iniciação à história da arte**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

LOWENFELD, V.; BRITAIN, W. L. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

MORIN, Edgar. **O enigma do homem**: para uma nova antropologia. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

PINI, Marguerita. **Mestres do desenho**. Florença: Scala Group S. A., 2010.

RIOS, Dermival Ribeiro. **Dicionário unificado da Língua Portuguesa**. São Paulo: DCL, 2010.

Artigo recebido em 23/05/19. Aceito em 23/08/19.

MODELAGEM: releitura e biografia de Anelise Bredow

Modeling: relief and biography of Anelise Bredow

Raquel Rosa da Silva¹

Resumo: A modelagem existe desde os primórdios da humanidade. Na Antiguidade, moldavam o barro e o transformavam em peças utilitárias e representativas, visto que, diferente da pintura e do desenho, o tridimensional utiliza diretamente o espaço real. A modelagem não se limita apenas ao corpo, mas também abrange a inteligência e a criatividade. Todos os sentidos podem ser trabalhados, desenvolvidos e estimulados através da modelagem. Anelise Bredow é ceramista, seu atelier guarda as obras da artista plástica, que tem como forma de expressão esculturas, painéis, desenhos e objetos feitos a partir da argila, matéria-prima de todas as suas criações. Em suas peças, retorna aos primórdios da humanidade e utiliza a argila para modelagem. A cerâmica foi a forma que ela encontrou para se comunicar com o mundo, ela enfatiza que fazer arte não é uma escolha de momento, mas sim uma opção de vida.

Palavras-chave: Modelagem. Anelise Bredow. Cerâmica. Releitura.

Abstract: Modeling has existed since the dawn of humanity. In ancient times, they molded the clay and transformed it into utilitarian and representative pieces, since, unlike painting and drawing, the three-dimensional uses real space directly. Modeling is not only limited to the body, but also encompasses intelligence and creativity. All senses can be worked on, developed and stimulated through modeling. Anelise Bredow is a ceramist, her studio holds the works of the artist, whose expression is sculptures, panels, drawings and objects made from clay, the raw material of all her creations. In his plays, he returns to the dawn of humanity and uses clay for modeling. Pottery was the way she found to communicate with the world, she emphasizes that making art is not a choice of the moment, but a life option.

Keywords: Modeling. Anelise Bredow. Ceramics. Rereading.

Introdução

A modelagem está presente na prática pedagógica do ensino de Artes e deve ser valorizada, pois a sua contribuição para o desenvolvimento da motricidade fina, percepção tátil, visual e tridimensional é feita de forma criativa e livre, conectando o artista/aluno à natureza, libertando-o, para que possa transformar em arte a matéria bruta (barro-argila), resultando em utensílios ou objetos de decoração.

Anelise Bredow é uma artista ceramista que atua na Serra Gaúcha. Suas obras utilizam a técnica de modelagem para dar vida as suas inspirações e criações. Suas obras são comercializadas em seu atelier, em Morro Reuter, e em todo o mundo. Com traços e formas bem características, Anelise explora todo o potencial da argila para produzir vasos, painéis, pêndulos, colares, entre outros objetos de decoração. Desta forma, neste artigo há uma breve descrição do conceito de modelagem e suas competências e habilidades. Também será explorado o universo da criação, por meio do olhar da conceituada artista ceramista Anelise Bredow, que através da cerâmica e da modelagem leva ao mundo o seu modo de ver, sentir e pensar arte.

A modelagem como técnica artística

A modelagem existe desde os primórdios da humanidade. Na Antiguidade, moldavam o barro e transformavam em peças utilitárias e representativas. Mesmo nas civilizações posteriores, a modelagem sempre esteve presente em vasos, máscaras e objetos decorativos. Desta forma, a modelagem é definida como o ato de moldar, ajustar a forma manualmente de material, como o barro, a argila e outros materiais maleáveis, e transformá-los em objetos tridimensionais.

¹ Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSSELVI – Rodovia BR 470 – Km 71 – nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br.

Diferente da pintura e do desenho, o tridimensional utiliza diretamente o espaço real. A tridimensionalidade ocupa um meio concretizado, está em interação com o ambiente.

O pintor e o escultor estão muito longe, pelo menos, em algum aspecto; uma terceira dimensão que tudo muda, separa-os. O ponto de vista do escultor estará sempre em 90° do ponto de vista do pintor. O escultor encontra perfis olhando sempre em profundidade. Existem limites para o espírito? Graças ao espaço, existem limites no mundo físico, e eu posso ser escultor. Nada seria possível sem esse rumor de limites e o espaço que os permite. Que tipo de espaço permite os limites no mundo espiritual? A escultura deve sempre dar a cara e estar atenta a tudo que se move ao redor e a torna viva (BOZAL, 1995, p. 7).

A argila e as massas de modelar são as mais usadas pelos artistas na confecção de seus trabalhos. Mesmo nos tempos remotos, a argila era bastante usada na confecção de potes e estatuetas, em urnas funerárias e sempre esteve relacionada à existência humana.

Os primeiros artefatos modelados em argila eram simples e alguns possuíam desenhos geométricos como os encontrados na Pré-História. No decorrer do tempo, as técnicas foram se aprimorando e a modelagem foi sendo aperfeiçoada.

A civilização grega é a mais representativa na expansão das técnicas em cerâmica. Faziam a queima e a pintura e classificavam as peças por funcionalidade. Os artefatos e os vasos eram decorados em vermelho e preto. Os gregos são considerados como os melhores fabricantes de cerâmica do mundo.

Com a prosperidade da modelagem em argila (a cerâmica), outros povos passaram a desenvolver outras técnicas, como os chineses, que passaram a queimá-las para ficarem mais fortes e a usar o caulim (pó branco), que deixava a peça translúcida e leve (a porcelana).

A modelagem é diferente da moldagem. Enquanto a modelagem é artesanal e está relacionada com a massa para criar formas, a moldagem pode utilizar um processo mecânico para a produção em série.

A modelagem estimula a sensibilidade e a criatividade por meio da linguagem artística vivenciada na transformação da matéria modelada. Sua prática é importante não só como meio de sustento, mas com significação para a prática educativa do ensino de arte na escola.

A modelagem não se limita apenas ao corpo, mas também abrange a inteligência e a criatividade. Todos os sentidos podem ser trabalhados, desenvolvidos e estimulados através da modelagem. A modelagem exercita a coordenação fina, que aliada à manipulação bimanual, resulta no domínio de movimentos e ações de forma efetiva.

A inteligência, a percepção, o tato e a sensibilidade são outros aspectos desenvolvidos pela modelagem, além do estímulo à criatividade, uma capacidade intrínseca do ser humano que precisa ser constantemente incentivada e exercitada.

Para Ostrower (2006), a criatividade é um potencial inerente ao homem, e a realização desse potencial é uma de suas necessidades. Criatividade e vivência estão relacionadas, portanto, é imprescindível que se articule o processo criativo em nosso dia a dia.

Vida e obra de Anelise Bredow

Anelise Bredow é ceramista, mora no Sul do Brasil, na Serra, mais especificamente em Morro Reuter/RS, onde possui o seu ateliê de Cerâmica, que atende ao público de todo o país e também estrangeiros que buscam as suas obras. O atelier de Anelise Bredow guarda as obras da artista plástica, que tem como forma de expressão esculturas, painéis, desenhos e objetos feitos a partir da argila, matéria-prima de todas as suas criações.

Inspirada inicialmente por seu pai, que consertava rádios antigos e que possuía peças de cerâmicas dentro (os capacitores), seu imaginário infantil deslumbrava-se com as pequenas peças capazes de produzir sons, e essas referências de sons e imagens produzidas pelos rádios antigos foram levadas primeiramente aos desenhos e, logo após, à cerâmica, que segundo Anelise Bredow, trata-se de um universo que ela vai povoando com suas obras, suas criaturas, seus seres.

Figura 1. Obras de Anelise Bredow



FONTE: <https://anelisebredow.com.br/>. Acesso em: 16 ago. 2019.

Figura 2. Painéis de Anelise Bredow



FONTE: <https://anelisebredow.com.br/>. Acesso em: 16 ago. 2019.

Figura 3. Obras de Anelise Bredow



FONTE: <https://anelisebredow.com.br/>. Acesso em: 16 ago. 2019.

Anelise relata que, no final, uma obra é reflexo de sua vida, devido às horas de cuidado dedicados em cada peça, e apesar de conhecer o material que utiliza, ela ressalta que não há como saber como a peça reagirá, a argila conduz todo o trabalho, não há imposição de tempo ou resultado, em outras palavras, Anelise respeita a argila e é conduzida por ela.

Em suas peças, Anelise retorna aos primórdios da humanidade e utiliza a argila para modelagem, entre outras argilas coloridas para a pintura, assim como os homens primitivos no Período Neolítico.

Anelise escolheu a sua profissão muito jovem, aos 16 anos de idade, quando prestou o vestibular para Artes, e ali encontrou um novo universo. Após concluir a faculdade, foi contratada por uma empresa como designer de pisos e azulejos, o que lhe proporcionou uma experiência muito rica, mas depois de se tornar rotina, decidiu dar um novo rumo em sua vida e buscar um lugar menor e mais aconchegante para poder produzir aquilo que lhe dava prazer e poder sustentar-se disto também.

Para Bredow (s.d., s.p.), a cerâmica foi a forma que ela encontrou para se comunicar com o mundo, ela enfatiza que fazer arte não é uma escolha de momento, mas sim uma opção de vida. No seu mais recente projeto, a artista aposta na mistura entre cerâmica e plantas, como cactos e suculentas, formando uma espécie de árvore. "A ideia é criar um jardim, um ecossistema que misture a cerâmica com cactos e suculentas, plantas naturalmente expressivas, que se integram à cerâmica como se fosse uma única escultura", explica.

Bredow (s.d., s.p.) explica ainda que a ideia surgiu em uma visita a um cactuário na cidade de Imigrante, na Serra Gaúcha: "Eu vi as plantas, texturas, cores e esculturas. Desde então, cultivo a ideia de um 'jardim particular', com uma fauna e flora próprias, que agora começam a se concretizar na cerâmica", afirma. As peças são, prioritariamente, para decoração externa, mas podem ser usadas dentro de casa também. "São peças para o jardim, mas nada impede que sejam usadas em ambientes internos, desde que iluminados e bem arejados. Os cactos são plantas resistentes e surpreendentes, que nos presenteiam com flores belíssimas em algumas épocas do ano", continua a artista.

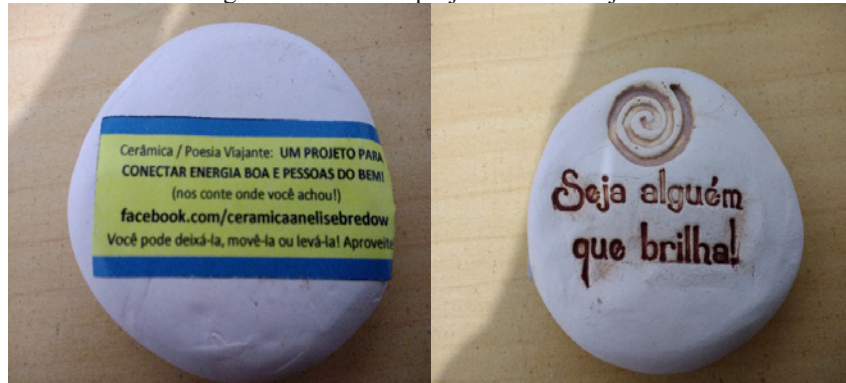
Suas obras possuem preços acessíveis, e apesar de todas as peças serem diferentes umas das outras, as características de seu trabalho podem ser reconhecidas nas diferentes peças e coleções.

Cerâmica: Poesia Viajante - releitura do projeto de Anelise Bredow

No dia 14 de abril, ao visitar o atelier de Anelise Bredow em Morro Reuter, além da oportunidade de conhecê-la pessoalmente, conheci as suas obras e seu processo de criação. Anelise é uma artista muito disponível, sendo que ela mesma atende em seu atelier, vende as peças, produz e embala. Ela apresentou uma proposta que trouxera de fora do país, onde expôs os seus trabalhos, trata-se da possibilidade de distribuímos mensagens positivas e agradáveis às pessoas, espalhar o amor. Este projeto chama-se Poesia Viajante e tem como objetivo conectar energia boa e pessoas do bem!

Ela utilizou em suas peças de cerâmica pequenas pedras com mensagens carimbadas na argila, que devem ser distribuídas pelo mundo, em todos os lugares. As pedras possuem um adesivo que explica o projeto e incentiva a deixá-la, movê-la ou levá-la.

Figura 4. Pedras do projeto Poesia Viajante



FONTE: <https://anelisebredow.com.br/>. Acesso em: 16 ago. 2019.

Inspiração neste projeto, foi feita uma releitura desta ideia, sem alterar o seu objetivo principal, que é espelhar o amor, o carinho e boas energias para as pessoas. Essa releitura foi realizada em forma de almofadas bordadas com mensagens de otimismo, prosperidade, alegria, saúde etc. Essas almofadas serão distribuídas pela acadêmica Betina Boeira, que as produzirá em seu Atelier Ar da Graça, localizado no Centro de Osório/ RS.

Figura 5. Almofadas do projeto Poesia Viajante



FONTE: <http://ardagracaatelier.blogspot.com/>. Acesso em: 16 ago. 2019.

Figura 6. Construção do projeto Poesia Viajante



FONTE: <http://ardagracaatelier.blogspot.com/>. Acesso em: 16 ago. 2019.

As almofadas serão distribuídas primeiramente na APAE de Osório e depois seguirão por caminhos desconhecidos. As mensagens devem ser levadas e espalhadas pelo mundo, propagando coisas boas, levando paz, alegria e esperança às pessoas.

Considerações finais

A arte possui diversas formas e possibilidades de exploração, conexão e desenvolvimento. Em todas as suas linguagens, os vários processos de apreciação, contextualização e criação levam o ser humano a outro nível de compreensão de mundo.

Atualmente, por conta da sociedade tecnológica em que vivemos, a tendência será esfriar ou não haver mais relações entre as pessoas, pois sem interação não haverá mais sociedade. Por isso, a arte, no geral, proporciona momentos de conexão entre nosso corpo, mente e expressão, que vai muito além de “emojis” nas redes sociais ou frases disparadas através de perfis que escondem as pessoas.

As artes, em suas diversas manifestações, proporcionam ao indivíduo uma forma de expressão, que não está ligada unicamente à criação, mas, sim, à percepção auditiva, visual e tátil. O sentir, tocar, produzir e o poder de assimilar as sensações e descrevê-las, compreendê-las, faz com que os indivíduos percebam e descubram que há mais, muito mais, além do que está nas fotos e “emojis” das redes sociais.

A modelagem, por suas possibilidades de toque, sensibilidade e expressão, desenvolve nos alunos a conexão com o mundo real, com a natureza remetida através do barro e da argila, o poder da criação de algo útil, belo, decorativo e expressivo através de uma matéria mais bruta, mas que é capaz de revelar sonhos, sentimentos e intenções. Se formos para o lado espiritual, Deus nos criou a partir do barro, então, parte daí a resposta de quão divina e inspiradora é a natureza. Por fim, com a modelagem, o poder da nossa imaginação e criatividade não tem limites e nem pode ser mensurado.

Referências

BOZAL, Valeriano. **História Geral da Arte Escultura I**. São Paulo: Dolprado, 1995.

BREDOW, Anelise. **Contemporary Ceramics**. [s.d.]. Disponível em: www.anelisebredow.com.br. Acesso em: 16 ago. 2019.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 20. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

Artigo recebido em 23/05/19. Aceito em 23/08/19.

O DESENHO NA PRÉ-HISTÓRIA: uma necessidade de representar e comunicar

The drawing in the prehistory: a need to represent and communicate

Fabiano José Milan ¹

Nilda Cuochini ¹

Suélen de Jesus¹

Resumo: A História da Arte reúne momentos importantes que colaboraram para a evolução da humanidade, seja em relação aos modos de vida e de expressão. O período pré-histórico, marco inicial de toda essa trajetória, contribuiu com criações e descobertas imprescindíveis como, por exemplo, a arte rupestre. Característica principal dos povos primitivos, os desenhos que preencheram inúmeras cavernas, e que existem até hoje, estão carregados de informações. Entender esses desenhos como forma de representação e comunicação se torna o objetivo desse estudo. A pesquisa se desenvolveu através de importantes obras da área histórica das artes e de estudos acadêmicos mais específicos. Conclui-se que os resultados de todas as ações originadas na Pré-História, principalmente os desenhos, foram, e ainda são, elementos com um alto grau de representatividade e comunicação que, já naquela época, indicavam que seria um avanço histórico para o homem.

Palavras-chave: Desenho. Pré-História. Representação. Comunicação.

Abstract: The History of Art brings together important moments that have contributed to the evolution of humanity, be it in relation to ways of life, as well as expression. The prehistoric period, the initial mark of all this trajectory, contributed with indispensable creations and discoveries, such as, for example, rock art. The main feature of primitive peoples, the drawings that filled numerous caves and that exist until today, are loaded with information, therefore, to understand these drawings as forms of representation and communication becomes objective of this study. The research was developed through important works of the historical area of the arts, as well as more specific academic studies. It is concluded that the results of all actions originated in prehistory, especially the drawings, were and still are elements with a high degree of representativeness and communication and that by that time already indicated what would be a historic advance for the man.

Keywords: Drawing. Prehistory. Representation. Communication.

Introdução

Este estudo enfatiza o desenho na Pré-História, objetivando entender a importância do seu uso como uma ferramenta de comunicação e representação. O período pré-histórico se apresenta como um ótimo exemplo da utilidade do desenho como linguagem, pois a evolução do comportamento comunicativo do homem possui relação direta com a evolução humana em si e não existe momento mais claro para a percepção disso do que este. Desta maneira, justifica-se a necessidade de entender o desenho como um suporte de expressão bidimensional, fazendo um recorte específico na Pré-História, período importante no contexto artístico, em que a explosão criativa transforma a forma de fazer arte, com várias manifestações nas décadas seguintes (GASPAR, 2004).

A pesquisa se configura como documental, constrói-se embasada em referências bibliográficas da área artística fazendo uso de livros e artigos relacionados ao tema, a fim de proporcionar reflexões. Desenvolve-se em dois tópicos, iniciando com uma percepção dos primeiros registros artísticos desenvolvidos na Pré-História e procurando entender como eram realizados, de que forma e com quais materiais. Na sequência, pretende-se compreender o desenho com uma ferramenta de representação e comunicação, percebendo como os significados existentes entre cada reprodução contribuíram para a leitura e interpretação de um modo de vida, da cultura e identidade de um povo.

¹ Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSSELVI – Rodovia BR 470 – Km 71 – nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br.

Primeiros registros do desenho no período pré-histórico

Os primeiros indícios de arte de que se tem conhecimento datam do período pré-histórico, quando o homem das cavernas começou a descobrir linhas, formas e cores. Como não havia escrita na época, o desenho se tornou uma linguagem própria, registrando as relações que existiam entre o mundo e o homem (MORENO, 2014).

A Pré-História é dividida em dois períodos: paleolítico – Idade da Pedra Lascada –, em que as formas desenhadas reproduziam exatamente o que se visualizava; e o Neolítico – Idade da Pedra Polida –, com representações de animais e pessoas em seus afazeres cotidianos. Esses períodos eram marcados pelo anonimato, sendo que as pessoas não assinavam seus desenhos ou pinturas.

Mesmo não tendo conhecimento da importância da arte que estavam produzindo na época, seus desenhos não foram feitos sem nenhum propósito. A arte rupestre, como também é chamada devido à escolha das paredes das cavernas como suporte, possui um aditivo enorme de significados, a maioria deles em relação à maneira como seus criadores viviam, desde o local que se estabeleciam até os costumes e atividades do seu dia a dia, como caças e rituais (MORENO, 2014).

Segundo Moreno (2014, p. 2) “a Pré-História é um dos períodos em que o desenho apresentou a riqueza do seu valor. Foi através dele que se têm os registros e, conseqüentemente, o conhecimento dos povos antigos”. Esse conhecimento, por sua vez, só foi possível graças às práticas dos homens primitivos ao realizarem nas paredes das cavernas seus desenhos. “Independentemente da civilização e período, o desenho teve sempre a sua importância histórica pelo fato de que, se não existissem, muitas civilizações teriam se apagado” (MORENO, 2014, p. 3).

Como salienta Calabria e Martins, (1997, p. 16), para pintar o homem pré-histórico “produzia suas tintas misturando terra e carvão, sangue e gordura de animais”. Como ferramenta para auxiliar na criação dos desenhos e pinturas, utilizava artefatos como troncos de madeiras e ossos, conforme alguns objetos encontrados por arqueólogos. Os povos antigos, antes de conhecerem a escrita, já produziam obras de arte. Os homens das cavernas faziam figuras nas paredes, representando os animais e pessoas da época, com cenas de caças e ritos religiosos.

Fragmentos de parede com traços de pinturas foram achados caídos sobre solos arqueológicos. Neles, as figuras desenhadas não são identificáveis, mas confirmam a prática de uma atividade que quase se tornaria um verdadeiro sistema de comunicação. [...] “existe uma densa quantidade de pinturas rupestres realizadas durante milênios” (TENÓRIO, 2000, p. 64).

A arte rupestre se caracteriza por ser figurativa ou, mais exatamente, naturalista. É o registro da impressão visual imediata, livre de qualquer restrição intelectual ou apuro composicional (HAUSER, 1982).

Os primeiros artistas da Pré-História registravam aquilo que viam. Uma das explicações sobre isso é que as pinturas eram feitas por caçadores que acreditavam em princípios mágicos: se fizessem a pintura de um animal na parede, acreditavam que poderiam capturá-lo no dia seguinte. As pinturas rupestres mais antigas já encontradas estão na gruta de El Castillo, na província da Cantábria (Espanha). Elas foram feitas há aproximadamente quarenta mil anos e retratam imagens de animais e desenhos de mãos humanas. Todas as pinturas foram feitas na cor vermelha (PROUS, 2006).

No Brasil, os locais mais importantes com pinturas rupestres são: o Parque Nacional da Serra da Capivara, em São Raimundo Nonato e o Parque Nacional Sete Cidades (PiauÍ); Cariris Velhos (Paraíba); Serra do Gentio (Bahia); Rondonópolis (Mato Grosso); Sítio Arqueológico da Serra do Cabral, Pedra Pintada, Lagoa Santa e o Peruaçu, em Minas Gerais.

O desenho como ferramenta de representação e comunicação

Desde a Pré-História, o desenho é usado como forma de comunicação, um meio facilitador da caça. Ilustrava a forma de ser e agir, o que possibilitava ao homem interagir com o processo de raciocínio humano.

O desenho pode ser entendido como uma forma de representação gráfica que possibilita a comunicação entre os povos de diversas gerações, por meio da linguagem visual. Os povos primitivos utilizavam o desenho para encenar sua forma de ser e agir, suas necessidades e desejos. Através dos desenhos primitivos é possível reviver tempos ancestrais. O homem sempre deixou registros gráficos, indícios de sua existência, comunicados íntimos destinados à posteridade. O desenho, linguagem tão antiga e tão permanente, sempre esteve presente, atravessando fronteiras espaciais e temporais e, por ser tão simples, acompanha a nossa aventura na terra (DERDYK, 1990).

Para Derdyk (1990 *apud* MORENO, 2014, p. 11) “[...] o desenho é uma representação de formas sobre uma superfície por meio de linhas, pontos e manchas. Tem objetivo lúdico, artístico, científico ou técnico”. Por representação, pode-se entender uma palavra ou ação que possui ligação, não necessariamente com uma imagem ou com uma ideia. O ato de representar está relacionado à prática da analogia, da semelhança com alguma coisa (cenário, pessoa, objeto). Possui significados direcionados na representação de algo que se conhece, que se lembre ou que possa vir a conhecer (ABBAGNANO, 2007).

Comunicação ou o ato de comunicar, segundo Abbagnano (2007, p. 161) designa:

[...] o caráter específico das relações humanas que são ou podem ser relações de participação recíproca ou de compreensão. Portanto, esse termo vem a ser sinônimo de “coexistência” ou de “vida com os outros” e indica o conjunto dos modos específicos que a coexistência humana pode assumir, contanto que se trate de modos “humanos”, isto é, nos quais reste certa possibilidade de participação e de compreensão.

As formas de comunicar que se estabelecem por meio das relações entre indivíduos ou entre sociedades contribuem também para o surgimento de uma linguagem. Uma vez que se pensa em comunicação e linguagem relacionadas ao ser humano, independentemente de qual seja o suporte em que estejam inseridas, afinidades intrínsecas são facilmente percebidas. Assim aponta Gaspar (2004, p. 154) quando salienta que “[...] a questão da origem da linguagem ou, em outros termos, da evolução do comportamento comunicativo humano está relacionada à própria evolução humana”. Não por nada, os desenhos desenvolvidos na Pré-História e os materiais utilizados, apresentam-se hoje mais desenvolvidos e evoluídos tecnologicamente.

Para Treptow (2003, p. 23), o homem primitivo era místico e possuía crenças: “a primeira era que desenhando os animais que ele pretendia caçar, ele já estava retratando sua vitória, como se desenhasse o futuro; e a outra [...] é que vestindo a pele de animais anteriormente caçados, ele adquiriria a força daqueles animais”. O desenho pré-histórico tem como função a representação artística, carregando significados sociais, econômicos, históricos, religiosos e culturais.

Com o tempo, os homens foram evoluindo socialmente, criando culturas específicas e diferenciadas, constituindo-se em conhecimento, técnicas e maneiras peculiares de fazer as coisas (KENSKI, 2003).

A tentativa de representação, antes da consciência de interpretação ou da invenção, faz parte da vontade humana, pois desde a infância temos capacidades expressivas e comunicativas por meio do desenho. De acordo com Jalles (2006, p. 37) “a obra de arte em processo de apreciação adquirirá um conteúdo expressivo para o educando, despertando-lhe o interesse pela mesma [...]”. Em um breve histórico da arte, Souza (2006, p. 153), coloca que:

O homem, independentemente do período histórico que tenha vivido, sempre sentiu necessidade de se expressar por meio de desenhos, pinturas, fotografias, músicas, danças, escrita, ou seja, a comunicação e a expressão fazem parte da natureza humana. O que faz com que haja tantos movimentos artísticos é a diferença entre os homens e os movimentos históricos, pois desde sempre o homem representou, por meio da arte, o período histórico que esteve vivendo.

A arte rupestre nos permite uma leitura da vida de nossos antepassados. Da mesma forma, ao transitar por ruas de nossa cidade e observarmos os grafites é possível conhecer um pouco do cotidiano das pessoas que habitam esses contextos, a partir desta manifestação artística em espaços públicos. O grafite é um tipo de inscrição, desenho ou pintura feita em paredes. “São sinalizações que transmitem mensagens pertinentes ao grupo que as realizou e a seus contemporâneos. O hábito de perpetuar mensagens em pedra e paredes tem longa duração e diferentes significados” (GASPAR, 2006, p. 8). São imagens nas quais os artistas expressam sentimentos e ideais que invadem o nosso cotidiano.

Metodologia

O desenvolvimento do estudo caminha sob o viés da História da Arte e se configura como uma pesquisa qualitativa, a fim de conhecer melhor os acontecimentos de determinada época e interpretá-los por uma linha de pensamento mais reflexiva, em busca da construção de novos olhares e conclusões.

Baseia-se em estudos acadêmicos sobre o tema (artigos científicos), pois abrange questões mais específicas, utilizando também bibliografias da área (livros) que possuam grande relevância no meio artístico.

A pesquisa se inicia com a estruturação do projeto, definindo a temática e os objetivos. Em seguida, o tema se divide em itens mais específicos para que o estudo perpetue linhas de pensamento mais delineadas, trazendo consistência para o assunto principal. Leituras, análises e escolha das bibliografias compreendem a próxima etapa, estruturando detalhadamente os itens pesquisados no corpo do texto. Tratando-se de uma pesquisa qualitativa, os resultados obtidos se relacionam com novas ideias, concepções e entendimentos obtidos através do processo de pesquisa, validando assim as informações utilizadas como comprovação da temática estudada.

Resultados e discussão

Tratando-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, compreende-se que os resultados, análise e debates, que poderão surgir neste processo investigativo poderão abranger concepções variadas, uma vez que se estudam fenômenos que têm envolvimento direto com o ser humano e seu comportamento social (GODOY, 1995). Assim, o contexto social no qual a pesquisa se desenvolveu poderá gerar muitas interpretações, de acordo com as impressões de cada indivíduo.

Sobre a Pré-História, percebe-se a importância desse período como sendo o início do desenvolvimento da humanidade, suas ações e suas características como moradias, costumes, artefatos e o desenho. Como representação gráfica, o desenho reflete o contexto de seus criadores e perpassa por gerações, sempre evoluindo e criando novas formas de linguagens (DERDYK, 1990).

Compreende-se a necessidade da utilização do desenho pelos povos primitivos como ferramenta de representação e comunicação, pois o homem, em qualquer período histórico, independentemente do contexto social, sempre teve presente em seu interior a ação de se expressar como uma necessidade principal (SOUZA, 2006). O homem configura-se como um ser comunicativo e fez do desenho, especificamente na Pré-História, sua ferramenta mais poderosa.

Considerações finais

Compreender a história da humanidade, bem como a História da Arte, configura-se como uma trajetória com incessantes obstáculos que, ao mesmo tempo, proporciona descobertas muito interessantes. Esta pesquisa teve como objetivo entender a importância do desenho no período da Pré-História dentro do campo das artes, percebendo o uso do desenho como uma ferramenta comunicativa e de representatividade.

Ao final da pesquisa, concluiu-se que, de fato, os desenhos realizados pelos primitivos no período Pré-histórico possuíam um caráter representativo muito grande, chegando a parâmetros simbólicos com identidades e culturas diversificadas. Dessa forma, além de representação, esses desenhos, hoje identificados como arte rupestre, também foram capazes de fomentar o ato da comunicação, principalmente entre povos, trazendo em primeiro plano questões como vontades, desejos, sonhos, ideias, expressões ritualísticas e místicas, elementos extremamente característicos do cotidiano na Pré-História.

Mesmo com todas essas manifestações artísticas carregadas de riqueza e simbologia, jamais aqueles indivíduos tão primitivos puderam imaginar que o que estavam fazendo resultaria no início de uma evolução histórica para a humanidade. Aliás, evolução em todos os aspectos, não somente na linguagem artística e comunicativa. Percebe-se, então, a importância dessa pesquisa, que contribui para que o homem contemporâneo consiga perceber e entender o valor dessas ações realizadas pelos povos primitivos na Pré-História, pois elas formaram as origens do mundo em que se vive hoje.

Assim, espera-se que os conhecimentos obtidos nesta pesquisa não se solidifiquem, muito pelo contrário, há muito mais a se descobrir, investigar e compreender, pois a história da humanidade fora escrita em longos capítulos, com muitas páginas. Indagações devem gerar novos estudos, pois somente assim fatos históricos de nossos antepassados poderão ser sempre lembrados e valorizados, e a construção de conhecimento e a prática da aprendizagem estarão sempre em movimento.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CALABRIA, C. P. B; MARTINS, R. V. **Arte ocidental: arte, história e produção**. São Paulo: FTD, 1997.

DERDYK, E. **O desenho da figura humana**. São Paulo: Scipione, 1990.

GASPAR, Madu. **A arte rupestre no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

GASPAR, M.D. Cultura: comunicação, arte, oralidade na pré-história do Brasil. **Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, 14: 153-168, 2004.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, p. 20-29, maio/jun. 1995.

HAUSER A. **História social da literatura e da arte**. Vol. 2. Editora: Mestre Jou. 1982.

JALLES, A. F. Arte na escola infantil: educando os modos de ver, olhar e observar. *In*: CAPISTRANO, N. J. (Org.). **O ensino de arte e educação física na infância**. Natal [RN]: Paideia, 2006, p. 37.

KENSKI, Vani M. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

MORENO, Márcia. **O desenho x sujeito**. Programa de Pós-Graduação em ensino da arte: perspectivas contemporâneas, UNOCHAPECÓ, 2014.

PROUS, André. **Arte pré-histórica do Brasil**. Editora: C/Arte. Temas: Pré-História, Arte Rupestre. 2006.

SOUZA, A. C. (Coord.). **Música, movimento e artes visuais**. São Paulo: DCL, 2006. (Coleção Novos Caminhos: formação continuada na sala de aula).

TENÓRIO, Maria Cristina. **Pré-história da terra Brasilis**. Editora: UFRJ, 2000.

TREPTOW, Doris. **Inventando moda: planejamento de coleção**. Brusque: D. Treptow, 2003.

Artigo recebido em 23/05/19. Aceito em 23/08/19.